

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
Mestrado Profissional em Artes – Prof-Artes

NORALI BARBOSA ESTEVES DE OLIVEIRA

**ARTE E VIDA DO VALE DO JEQUITINHONHA: UM MUSEU VIRTUAL
NA ESCOLA**

Belo Horizonte

2023

NORALI BARBOSA ESTEVES DE OLIVEIRA

**ARTE E VIDA DO VALE DO JEQUITINHONHA: UM MUSEU
VIRTUAL NA ESCOLA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes.

Área de concentração: Ensino de Artes

Orientadora: Profa. Dra. Rosvita Kolb Bernardes

Belo Horizonte
2023

Ficha catalográfica
(Biblioteca da Escola de Belas Artes da UFMG)

707 E79a 2023	<p>Esteves, Norali, 1980- Arte e vida do Vale do Jequitinhonha [recurso eletrônico] : um museu virtual na escola / Norali Barbosa Esteves de Oliveira. – 2023. 1 recurso online.</p> <p>Orientadora: Rosvita Kolb Bernardes.</p> <p>Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Arte – Jequitinhonha, Rio, Vale (MG e BA) – Teses. 2. Museus virtuais – Teses. 3. Arte e educação – Teses. 4. Museus e escolas – Teses. 5. Arte – Estudo e ensino – Teses. I. Bernardes, Rosvita Kolb. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.</p>
---------------------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
PROGRAMA DO MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

**FOLHA DE APROVAÇÃO DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DA ALUNA
NORALI BARBOSA ESTEVES DE OLIVEIRA, NÚMERO DE REGISTRO 2021651848.**

**FOLHA DE APROVAÇÃO da Defesa do Trabalho de Conclusão da aluna
NORALI BARBOSA ESTEVES DE OLIVEIRA, Número de Registro
2021651848.**

**Título: “Arte do Vale Jequitinhonha: criação de um museu virtual numa escola
estadual”**

Profa. Dra. Rosvita Kolb Bernardes - Orientadora - EBA/UFMG

Profa. Dra. Ana Cristina Carvalho Pereira - Membro Titular - EBA/UFMG

Profa. Dra. Gabriela Córdova Christófaro - Membro Titular - EBA/UFMG

Profa. Dra. Giovana Bianca Darolt Hillesheim - Membro Titular - UDESC

Belo Horizonte, 25 de julho de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Rosvita Kolb Bernardes, Servidor(a)**, em 26/07/2023, às 12:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Cristina Carvalho Pereira, Professora do Magistério Superior**, em 26/07/2023, às 18:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Giovana Bianca Darolt Hillesheim, Usuário Externo**, em 27/07/2023, às 19:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gabriela Cordova Christofaro, Professora do Magistério Superior**, em 31/07/2023, às 17:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Geraldo Freire Loyola, Coordenador(a)**, em 02/08/2023, às 17:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_or_gao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2497801** e o código CRC **2A25EFD7**.

“A Deus, toda honra e toda glória!”

ROMANOS 11:36

AGRADECIMENTOS

Não tenho como pensar em agradecer sem começar por Deus.

A ele, toda a honra e toda a glória! Ele é quem me capacita para todas as coisas que me permito almejar. Obrigada, meu Deus!

Gratidão imensa a meu esposo Augusto e meus filhos Pedro Augusto e Ana Júlia pela paciência, compreensão e companheirismo nesse percurso. Vocês podem tudo! Sejam corajosos e nunca deixem de realizar seus sonhos! Amo vocês!

Agradeço a minha mãe amada pelo apoio, carinho, incentivo, e pelas orações que de certo, foram e são direcionadas a mim. Amo-a incondicionalmente!

A meu pai (*in memórian*), que sempre acreditou na potência do estudo e que foi uma referência da importância do conhecimento para mim e meus irmãos. Sempre o amarei, pai querido!

Agradeço a meus irmãos, amigos, familiares e todos(as) aqueles(as) que me incentivaram e que acreditaram em minha capacidade: Evandro, Milaine, Saulinho, Gusta, Ernani, Serginho, Ziza, Fernanda, Lira Marques...obrigada por tudo!

Agradeço aos professores e colegas da minha turma do Mestrado Profissional em Artes. Construímos laços de apoio e companheirismo durante esta jornada. Também agradeço com carinho, àqueles que compuseram a banca de exame da minha Qualificação. Muito obrigada!

Agradeço à CAPES pela bolsa de fomento durante o período de estudo junto à Escola de Belas Artes da UFMG, cujo auxílio possibilitou-me esta conquista.

Não poderia deixar de agradecer os estudantes do 9º ano da E. E. Frei Rogato, objetos da minha pesquisa. Vocês foram a mola propulsora deste trabalho. Gratidão, queridos!

Sou também eternamente grata à E. E. Frei Rogato, na gestão de “Zozó”, que me possibilitou o desenvolvimento do projeto da minha pesquisa na instituição, confiando-me a execução das atividades com os estudantes. Muito obrigada!

Finalmente, agradeço de modo especial a minha orientadora Rosvita Kolb Bernardes pelo carinho, cuidado comigo e com minhas produções. Por me ajudar a chegar até aqui, pois seus apontamentos sempre foram muito “caros” para mim. Você é muito gentil!

“O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião”.

Jorge Larrosa

RESUMO

Neste estudo, destaca-se a importância de aproximar a Arte, que é produzida no Vale do Jequitinhonha, do contexto da escola. Buscando junto aos estudantes indícios que possam revelar, apontar como eles se percebem (ou não) na sua historicidade, na arte e nos artistas da região. A partir de uma pesquisa de campo com os estudantes do 9º ano do ensino fundamental da escola estadual Frei Rogato, localizada em Araçuaí - Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, buscou-se promover a aproximação desses com a arte do lugar onde vivem trazendo-os como protagonistas da sua história e da arte produzida no Vale; cujo estudo se deu no período da pandemia da COVID-19. Surge, por consequência, a proposta pedagógica da criação de um museu virtual de arte desenvolvido pelos estudantes.

Para dar visibilidade ao caminho percorrido, foram utilizados aportes da arte e da educação como Delory-Momberger (2006), Freire (1996), Pimentel (2011), Richter (2008), Saviani (2008) e outros autores pertinentes à temática.

Palavras-chave: arte; arte do Vale do Jequitinhonha; ensino/aprendizagem em arte.

ABSTRACT

In this study, the importance of bringing Art, which is produced in the Vale do Jequitinhonha, closer to the school context is highlighted. Seeking with the students evidence that they can reveal, point out how they perceive themselves (or not) in their historicity, in the art and in the artists of the region. Based on field research with students in the 9th grade of elementary school at the state school Frei Rogato, located in Araçuaí - Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, we sought to promote their approximation to the art of the place where they live, bringing them as protagonists of its history and of the art produced in the Vale; whose study took place during the COVID-19 pandemic. As a consequence, the pedagogical proposal of creating a virtual art museum developed by the students arises.

To give visibility to the path taken, contributions from art and education were used, such as Delory-Momberger (2006), Freire (1996), Pimentel (2011), Richter (2008), Saviani (2008) and other authors relevant to the theme.

Keywords: art; art from the Vale do Jequitinhonha; teaching/learning in art.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da região do Vale do Jequitinhonha	14
Figura 2 – Aula de Arte com a turma do 9º ano da E. E. Frei Rogato nas dependências da escola	24
Figura 3 – Conversa dos estudantes com Lira Marques no museu de Araçuaí	29
Figura 4 – Máscaras de cerâmica de Lira Marques	31
Figura 5 – Máscara de cerâmica de Lira Marques.....	31
Figura 6 – Pinturas com pigmentos naturais - Lira Marques	31
Figura 7 – Objetos do acervo do museu “Um presente de Frei Xico e Lira Marques”	32
Figura 8 – Objetos do acervo do museu “Um presente de Frei Xico e Lira Marques”	32
Figura 9 – Estudantes ouvindo sobre o acervo do museu	33
Figura 10 - Estudantes conhecendo o interior do museu	34
Figura 11 - Estudantes conhecendo o interior do museu	34
Figura 12 – Professor Ernani Calazans conversando com os estudantes sobre o Vale do Jequitinhonha.....	36
Figura 13 - Turma do 9º ano assistindo a aula com o professor Ernani Calazans.....	36
Figura 14 – Mapa da localização da cidade de Araçuaí em Minas Gerais.....	37
Figura 15 - Mapa com as três regiões do Vale do Jequitinhonha.....	38
Figura 16 – Página inicial do museu.....	44
Figura 17 - Imagem parcial da página que contém os posts do museu virtual	44
Figura 18 - Imagem parcial da página que contém os posts do museu virtual	45
Figura 19 – Imagem parcial do post Máquina de costura....	45
Figura 20 - Página do texto que contém a história da máquina de costura.....	46

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: Uma semente do vale.....	9
2	“JEQUI” TEM “ONHA”: Um pouco do vale.....	14
3	ENTENDENDO A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA.....	19
	3.1 O ensino de Arte na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica	22
4	O QUE DIZEM OS ESTUDANTES QUANDO FALAM SOBRE ARTE?	24
	4.1 Arte é tudo. O mundo seria sem graça!	24
	4.2 Encontro com Lira Marques: conhecendo o museu “Um presente.....	29
	4.3 Um Vale valioso: olhar de um artista	35
5	CRIANDO UM MUSEU VIRTUAL	40
	5.1 O museu “A Arte e Vida no Vale do Jequitinhonha”	42
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
7	CRIANDO UM MUSEU VIRTUAL NA ESCOLA – PROPOSTA	
	PEDAGÓGICA.....	50

1- INTRODUÇÃO: Uma semente do Vale

É experiência aquilo que nos passa, ou nos toca, ou nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto a sua própria transformação. (Jorge Larrosa, 2002)

Pensar a Arte do Vale do Jequitinhonha com sua história, suas manifestações culturais e artísticas como relevante, como elemento cultural e identitário para os que aqui vivem, foi um divisor de águas em minha trajetória pessoal e profissional. Já no curso de graduação, depois de caminhos percorridos estudando movimentos artísticos e artistas de outros lugares (principalmente os europeus), atentei para a minha ignorância acerca da dimensão cultural, artística e representativa da arte do Vale. Nascida e criada numa cidadezinha do Vale do Jequitinhonha, interior de Minas Gerais, convivi desde a minha infância com as manifestações artísticas e culturais da região, porém, não tinha consciência da sua relação com a minha história nesse lugar.

No último semestre da graduação de artes visuais, a partir da disciplina “*Prática de formação/Estágio supervisionado*”, realizei um trabalho de pesquisa relacionado à arte do Vale e no seu progresso fui me dando conta de que a história, a arte e a memória do Vale sempre fizeram parte da minha vida. Questões sobre contextualização, estética visual, artistas, formas de manifestações da arte e outros conceitos foram assimilados como nunca antes por mim como estudante. Sabia pouco ou quase nada a respeito da sua história, suas manifestações culturais: a cerâmica, a tecelagem, a música e outras. Em meu tempo escolar estas manifestações não eram incorporadas como um conteúdo nas aulas de Arte. De acordo com Momberger (2006),

(...) Esses saberes internos possuem um papel primordial na maneira como os sujeitos investem nos espaços de aprendizagem, e sua conscientização permite definir novas relações com o saber e com a formação. Essa importância dada à experiência individual está inserida em um movimento global que associa intimamente os formandos aos processos formativos e os considera como os atores responsáveis por sua própria formação. (MOMBERGER, 2006, p. 361).

Analisando o conteúdo das minhas aulas de Arte - inicialmente em Itinga; terra natal - depois em Araçuaí, onde residio - sinto com toda a força o que deixei de viver no meu tempo escolar: percebo que houve um vazio na minha formação como filha e professora de Arte. Ao longo da minha trajetória profissional, fui percebendo que os estudantes, assim como eu, não demonstravam entendimento dos artistas, manifestações artísticas, nem da identidade da arte local. Não manifestavam consciência da representatividade dessa arte em suas vidas, fazendo-

me acreditar na importância da abordagem da referida temática almejando uma mudança desta percepção, como também a contextualização dessa arte.

Instigada por essas questões, me vi na busca por mais esclarecimentos a respeito do tema objetivando o aprimoramento da minha prática como professora de Arte no lugar onde vivo. Ao trazer agora esta narrativa com foco em minhas vivências e experiências com a arte do Vale, sinto potencializar toda a minha trajetória enquanto pessoa natural deste território; pois, “O ato de narrar o vivido carrega a essencialidade do poder de as pessoas se reconhecerem como sujeitos de suas próprias histórias, atribuindo sentido aos diferentes itinerários percorridos” (OSTETTO; KOLB-BERNARDES, 2015, p. 164).

Assim, nasce a ideia de querer fazer uma pesquisa relacionada à arte do Vale do Jequitinhonha. Prosseguir com pesquisas sobre temáticas relacionadas ao fazer artístico, apreciação, valorização e pertencimento do Vale como forma de ampliar também o conhecimento dos estudantes; estreitando deste modo sua relação com a arte do lugar onde vivem. Com base em Pimentel (2011),

É importante destacar o papel do ensino de arte na informação de suas premissas e valores, mas tão importante quanto é destacar esse ensino na construção da personalidade e valores do próprio sujeito aprendente. A arte deixa, pois, de ser uma ferramenta educacional para ser um motivo de vida e de exercício de cidadania (PIMENTEL, 2011, p. 767).

Comungando dessa concepção de que vida, valores e cidadania tem a arte como meio de sua efetivação, trago neste trabalho a seguinte questão: Como podemos aproximar os estudantes - que vivem nesta região - da arte que aqui é produzida, para que se reconheçam como participantes, autores e protagonistas da mesma? Na busca por respostas, durante o ano de 2022, algumas atividades foram realizadas com o intuito de compreender o que os estudantes narram quando falam de Arte e quais relações acreditam ter com a arte do Vale do Jequitinhonha. Evidencia-se também, o quão primordial foi para mim - enquanto docente - a busca pela aproximação dos estudantes - objetos da pesquisa - com a referida arte; cujo processo de desenvolvimento me fez perceber, em seu decurso, que temos muito para conhecer a respeito do lugar onde a gente vive. Percebi, que no processo ensino/aprendizagem, as mudanças acontecem realmente em ambas as partes; quando repenso minhas práticas com a temática e vejo o quão importante são as experiências com os estudantes. A esse respeito, não poderia deixar de mencionar o pensamento de Freire (1996) quando diz que é preciso que, desde o começo do processo, vai ficando cada vez mais claro que, quem forma se forma e re-forma ao

formar, e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. Uma vez que ensinar não é transferir conhecimentos, e que quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende, ensina ao aprender (FREIRE, 1996, p. 12). Nessa perspectiva, evidencia-se que o processo ensino/aprendizagem é consumado em sua plenitude.

Justifica-se a escolha de uma turma do 9º ano do ensino fundamental por ser sua professora de Arte desde o seu ingresso na escola estadual Frei Rogato, no 6º ano. Ao longo desses três anos de convivência, pude perceber como se adaptaram à escola, à turma e aos professores como também aos conteúdos da disciplina; cujas informações preliminares contribuíram no planejamento do projeto desenvolvido. Também se justifica o fato de estarem na fase de ingresso à juventude - estágio da vida em que mudanças e aprendizados importantes acontecem - que Dayrell (2003) entende ser o momento de mudanças do corpo, dos afetos, das referências sociais e relacionais; com quem eu, particularmente, tenho mais facilidade de lidar enquanto docente. Segundo o autor, é um momento em que se vive mais intensamente algumas transformações que estarão presentes ao longo da vida (DAYRELL, 2003, p. 42).

Tendo em vista que concluíram o 7º e 8º anos de forma não-presencial - mas através do ensino remoto - em função da pandemia da COVID-19 nos anos 2020 e 2021; não tivemos a oportunidade para o estudo da temática abordada na pesquisa, uma vez que os conteúdos estudados nesse período eram disponibilizados pela Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais através dos PETs (Planos de Estudo Tutorado).

Com o retorno das aulas presenciais em 2022 a partir de orientações da SEE, estabelecendo que uma vez que o número de mortes havia diminuído e o número de brasileiros vacinados já era considerável, diminuindo assim o risco do contágio, retornamos às aulas presenciais seguindo os protocolos de segurança estabelecidos. Além desse período que ficamos com as aulas presenciais suspensas, outro fator que influenciou no desenvolvimento da pesquisa no ano de 2022, foi a luta da categoria de professores pelo piso salarial garantido pela Lei Federal 11.738/08 que levou muitos profissionais à greve no início do ano letivo, inclusive nós, os professores da E. E. Frei Rogato. Ficamos os primeiros meses do ano letivo sem aula, ocasionando um atraso no início da pesquisa.

Retomo pelas histórias narradas pelos estudantes, conforme conhecimento prévio deles sobre o acervo cultural e artístico do Vale, para continuar abrindo outros caminhos para a construção de conhecimento. Dessa forma, a experimentação, a reflexão, o encontro com artistas da região

e a visita ao museu da cidade foram primordiais para a construção de sentidos, cuja proposta foi fazer com que, por meio do ensino/aprendizagem em Arte os estudantes pudessem se aproximar da arte do lugar onde vivem.

Para tanto, o artigo foi estruturado em mais quatro partes a título de organização do estudo. A saber: além desta primeira, na segunda parte, embora a intenção deste não seja fazer um estudo da história da formação, povoamento e situação econômica do Vale do Jequitinhonha - sentime tentada, mas os limites deste artigo não permitem - trato como pertinentes algumas informações a esse respeito; afim de contextualizá-lo para o desenvolvimento deste trabalho. Para isso, lanço mão de autores e pesquisadores que aprofundaram no estudo das premissas do Vale, bem como da sua arte e cultura. Pedro Augusto Dutra de Oliveira (2019), Juliana Pereira Ramalho (2010), e outros aportes que contribuíram com informações importantes sobre o Vale e sua produção artística.

Na terceira parte - com o intuito de fundamentar a metodologia empregada no desenvolvimento do projeto da pesquisa com os discentes - trago algumas compreensões a respeito da Pedagogia Histórico-Crítica de Dermeval Saviani (2008) - criador da Pedagogia Histórico-Crítica no Brasil - , João Luiz Gasparin e Maria Cristina Petenucci ([S.L.: s.n.]) quando se atém à temática, e algumas considerações do estudo de Derivaldo Santos (2020) com contribuições pertinentes à Pedagogia Histórico-Crítica no ensino de arte. Ainda nesse contexto, as informações de outros autores também se fizeram importantes na pesquisa.

Já na quarta parte, exponho o desenvolvimento das atividades realizadas com os estudantes, onde discorro suas percepções, experiências e vivências com a arte. Em especial, com a arte do Vale do Jequitinhonha. A partir das indagações em aula, conversas com artistas do Vale e visitação ao museu da cidade caminhos foram trilhados rumo a aproximação de saberes pertinentes a arte do Vale do Jequitinhonha. Para tal, disponho-me das teorias de Ivone Richter (2008), Lúcia Gouvêa Pimentel (2011), Gustavo Cunha de Araújo (2018) e outros autores que também se mostraram essenciais neste itinerário.

Por fim, a quinta parte traz o relato da criação de um museu virtual produzido pelos estudantes da pesquisa - momento de ascensão dos mesmos enquanto protagonistas desse percurso - explanando todo o processo da sua concepção como material didático para o ensino/aprendizagem em arte. As contribuições de Geraldo Loyola (2016) sobre material didático e Lúcia Gouvêa Pimentel (2011) quando trazem questões relacionadas à relevância da

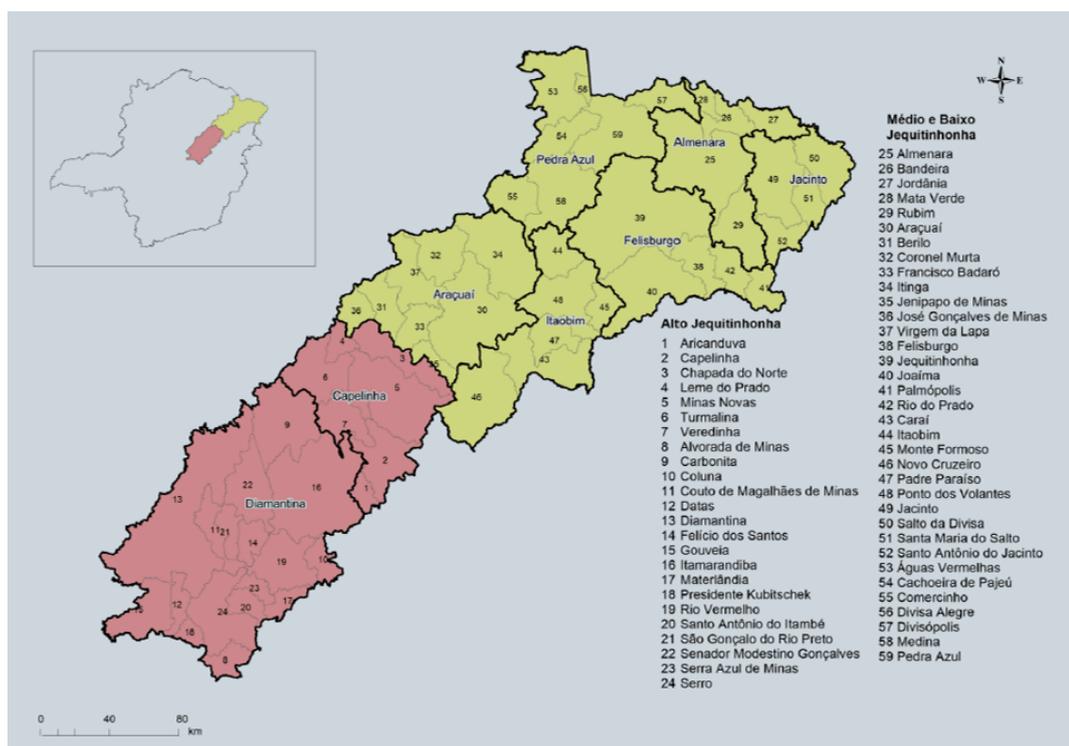
tecnologia no ensino de arte, foram primordiais para a construção do processo.

2- “JEQUI” TEM “ONHA”: Um pouco do Vale

A cobiça remexeu o cascalho do fundo das águas e arrancou de lá diamantes, ouro e pedras coradas. Quando a procura pelos minerais se esgotou, restaram os nomes coroando os municípios: Diamantina, Pedra Azul, Berilo, Turmalina, Minas Novas... E ainda outros lembrando tempos mais remotos, Itinga, Araçuaí, Janaúba... Mudanças climáticas se sucederam, trazendo um rastro de secas prolongadas com raros intervalos de chuvas quando então o verde milagrosamente coloria os campos (Priscila Freire, 2016).

Situado no nordeste do estado de Minas Gerais, o Vale do Jequitinhonha foi habitado originalmente por povos indígenas de etnias diversas, como maxacali, makuni, nakarene, naminikim, tupinikim, tocióis, aranã, imburu, katiguçu, xá e outros; como explica Oliveira (2019, p. 50). Dividido em alto, médio e baixo Jequitinhonha a região possui atualmente mais de 50 municípios e representa 14% do estado de Minas Gerais¹.

Figura 1 – Mapa da região do Vale do Jequitinhonha



Fonte: <https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/wp-content/uploads/2019/03/Picture1.png>

¹ Informações encontradas no site: <https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/o-vale/sobre-o-vale-do-jequitinhonha/#:~:text=Conhecido%20por%20seus%20atrativos%20tur%C3%ADsticos,das%2012%20mesorregi%C3%B5es%20do%20estado>. Acesso em: 24/05/2023.

De acordo com Ramalho (2010) a palavra “*jequitinhonha*” tem sua origem na linguística indígena dos “botocudos²”, advinda da expressão: *no jequi tem onha?* Para saber se o “*jequi*” (armadilha de pesca) havia capturado “*onha*” (peixe encontrado na região). Com o passar do tempo (o lugar recebeu várias denominações anteriormente a esta, como informa a autora) deu nome à localidade (RAMALHO, 2010, p. 14). Ainda com a mesma nomenclatura do Vale, o principal rio que banha seu território e uma das cidades que o povoa, com o passar do tempo, também receberam o nome Jequitinhonha.

Embora a história do Vale do Jequitinhonha tenha relatos de uma grande exploração mineral (região de Diamantina), em especial de ouro e diamantes no século XVII, a região é conhecida pelos seus baixos indicadores sociais e econômicos. Seu povoamento se deu em fases diferentes, mas em torno desta extração mineral que perpetuou por séculos. Essa riqueza oriunda da mineração não era desfrutada pelos seus habitantes; mas por longa data, pela coroa de Portugal - responsável pela habitação do território do Vale. A sua posição geográfica facilitou a fiscalização das minas, como se vê na pesquisa de Ramalho (2010) “(...) Estas características atraíam a atenção da coroa, o que ocasionou a criação de vilas e do distrito diamantino com o objetivo de recolher os tributos e impor a ordem” (Ramalho, 2010, p. 16-17).

A autora segue dizendo que, com o declínio da mineração no século XVIII, aconteceram mudanças na economia da região e o algodão tornou-se a maior economia do lugar.

O declínio aurífero no fim do século XVIII trouxe modificações para a vida econômica da região, e também propiciou o movimento da população do alto para outras áreas como médio e baixo Jequitinhonha. Especialmente na região de Minas Novas, o ouro foi substituído pelo cultivo do algodão, que se destacou como um dos melhores da colônia, perdendo em qualidade apenas para o algodão cultivado em Pernambuco. (RAMALHO, 2010, 21).

Devido à concorrência internacional, a exportação do algodão decaiu e a agricultura de subsistência com base na mão de obra familiar e criação de gado (séculos XIX e XX) passa a predominar a economia que, de acordo o Dossiê para registro do artesanato em barro do Vale do Jequitinhonha: saberes, ofício e expressões artísticas (2018) “Mesmo com todos os esforços voltados para a mineração, se consolidou nas áreas rurais, no entorno dos centros urbanos coloniais, núcleos familiares que sobrevivem a partir dos recursos oriundos da terra” (2018, p. 23). Recursos estes, que logo se transformaram em expressões artísticas, como a produção da

² De acordo com Espindola (2009, p. 79), o termo “botocudos” foi dado pelos portugueses às diversas nações indígenas pertencentes ao tronco linguístico macro-jê que, dentre outras, dominava a bacia do Jequitinhonha. Mais informações sobre este conteúdo no site: <https://dspace.almg.gov.br/bitstream/11037/1261/3/0001261.pdf> Acesso em: 24/05/2023.

cerâmica, que é considerada uma das maiores riquezas culturais do Vale. Uma região que, como expressa Júnior (2016) no texto da apresentação do catálogo Coleção Priscila Freire, “tão rica culturalmente em expressões artísticas populares e, que, apesar disso, continua esquecida pelas políticas públicas e distante das prioridades governamentais” (JÚNIOR, 2016, p. 5).

Porto (2007) explica que nesse período compreendido entre os séculos XIX e XX, se instala no território do Vale do Jequitinhonha uma estagnação econômica proveniente da abertura de novas vias de transporte no Vale, que nas décadas de 50 a 70 do século XX, a produção local é desvalorizada em função dos preços mais atraentes que chegaram à região por meio das novas vias construídas (PORTO, 2007, P. 308). Oliveira (2019) denomina essa fase de “decadente” explicando a decadência diante da visão de uma monocultura do tempo linear, cuja linearidade não é acompanhada pelo Vale, que não é inserido nesse projeto moderno (OLIVEIRA, 2019, p. 52).

Este cenário de desvalorização local ocasiona, por decorrência, a busca por uma renda monetária extra, que se dá por meio da migração em busca de trabalho temporário em outras áreas do estado de Minas Gerais e São Paulo; caracterizando a região como “*pobre*”, cuja população é, em sua maior parte, negra ou parda. Assim, o Vale do Jequitinhonha ficou historicamente conhecido como “Vale da miséria”, “Vale da pobreza”, “Vale dos órfãos”, “Vale das viúvas de maridos vivos”, “Vale das lágrimas”, “Vale do desespero” e outras nomenclaturas similares que foram se tornando comuns para mencionar a região (OLIVEIRA, 2019, p. 68).

Tal denominação perpetua até os dias atuais - principalmente pela mídia - disseminando com frequência, nas redes de maior popularidade, séries jornalísticas de temáticas negativas relacionadas ao Vale do Jequitinhonha, como explica Ramalho (2016, p. 32), povoando o imaginário quando se faz referência ao lugar.

Em uma série de reportagens exibida pelo SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), em fevereiro de 2009, intitulada “Jequitinhonha – infância à venda”, cenas de prostituição infantil com depoimentos de mulheres de maridos migrantes mantém não só a imagem do “Vale das mulheres de maridos vivos”, mas também a imagem de “Vale dos Órfãos”, em que crianças vivem a carência de afeto e de recursos materiais, como conclui o repórter. Em outra série denominada “Jequitinhonha, o Vale dos esquecidos”, também exibida em fevereiro de 2009, pela Record, o Jequitinhonha também é retratado pelo aspecto da negatividade: um lugar de esquecidos (RAMALHO, 2016, p. 32).

Paralelamente a este cenário, o território é também afamado como “peculiar”, por possuir uma beleza natural e uma riqueza cultural única representativas do seu povo. Atualmente vemos

estampados na produção artística em cerâmica, madeira, tecelagem e outras formas de expressão que caracterizam a cultura do Vale do Jequitinhonha, traços sobrevividos da cultura indígena, africana e da colonização europeia.

De acordo com Nascimento (2009), as manifestações culturais do Vale também fazem parte da diversidade regional, que envolvem grupos folclóricos, conjuntos arquitetônicos e históricos e artesanatos ressaltando que a variedade do artesanato não se restringe à criatividade dos diversos objetos criados em cerâmica - entendidos comumente como característicos do Vale do Jequitinhonha (NASCIMENTO, 2009, p. 6). A autora reitera que a região apresenta peças artesanais variadas em: palha, bambu, madeira, algodão, além da cerâmica.

Ramalho (2010) descreve sua percepção da relação da arte com o cenário do Vale do Jequitinhonha assim:

As bonecas à beira da estrada, misturadas às colheres de pau, ao lado do São Francisco de barro, ajudam a compor o cenário daquele que adentra o mundo artesão do Jequitinhonha. Ao transitar pelos seus caminhos, podemos ser surpreendidos em alguma curva da estrada, ladeada pelo asfalto, por um artesão que entalha tranquilamente sua peça (RAMALHO, 2010, p. 57).

Desse modo, percebe-se que ao contemplar as riquezas culturais do Vale do Jequitinhonha, comunga-se também de suas ambiências, da historicidade dessa região, podendo-se ver como parte do meio. É possível perceber, nos traços deixados em sua produção artística, o olhar individual do artista que é peculiar e pertencente a este lugar; levando à compreensão de que esta arte é a expressão de sua história e vivências, assim como as de seu povo.

Ao revisitar as primícias da formação e os fatores responsáveis pelas frágeis questões econômicas do Vale do Jequitinhonha, faz-se importante uma reflexão acerca de como a educação pode contribuir para uma mudança significativa neste quadro; levando-se em consideração os fatores aqui descritos. Parafraçando RIANI, *et al* [2017?] “o nível educacional de uma população é resultante dos investimentos passados e recentes” ([2017?] p.2). De fato, tendo o Vale do Jequitinhonha vivenciado um período “decadente”, como exposto por Oliveira (2019), é pertinente pensar que a educação na região, assim como a economia, também não acompanhou a modernidade linear, possuindo um histórico de estagnação, ficando à mercê da boa vontade política.

Ainda segundo RIANI, Juliana de Lucena Ruas, *et al* [2017?]:

(...) a retenção dos adolescentes nos anos finais do ensino fundamental, que provoca a distorção idade/série, ocorre, entre outras razões, porque muitos jovens abandonam a escola movidos pela necessidade de acesso ao trabalho e a renda. Isto acontece no período de colheita do café e do corte de cana e não retornam à escola ao final desse período de trabalho. Esse abandono sistemático faz com que o jovem não consiga terminar o ensino fundamental e, quando alcança idades mais avançadas, evade da escola, por desmotivação e/ou necessidade de trabalhar (RIANI, *et al.* [2017?] p. 5).

Evidencia assim, a necessidade de uma educação de cunho emancipatório, onde os estudantes possam pensar sua história, sua vida e seu meio, com vista a mudanças significativas não apenas em sua vida, mas também no lugar aonde vivem. É importante que reflitam sobre as questões que impedem o desenvolvimento econômico, político e cultural da região, na expectativa de visualizar alternativas para a sua melhoria.

3- ENTENDENDO A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Embora o entendimento e aplicação da Pedagogia Histórico-Crítica nas instituições de ensino no Brasil se restrinjam ainda em iniciativas esparsas, ousar trazer neste estudo um pouco da sua contextualização, cuja pedagogia considerada “um marco no movimento educacional brasileiro” Gasparin e Petenucci ([S.L.: s.n.], p. 3) demanda um estudo mais investigativo para a totalidade de sua concepção.

Nascida nos meios acadêmicos justamente no momento da redemocratização brasileira, a Pedagogia Histórico-crítica criada pelo professor, filósofo e pedagogo brasileiro Dermeval Saviani (1943 -) nos anos 70 - mais precisamente em 1979 com a primeira turma em Doutorado em Educação da PUC-SP -, defende a ideia da escola como centro de refúgio da classe trabalhadora dos limites determinados pelo capitalismo, de forma que a escola fosse contextualizada com sua realidade, atingindo suas camadas populares, como explica Steimbach ([S.L.:s.n.]) “Em linhas gerais a Pedagogia Histórico-crítica, buscava se por como uma tendência que revisitasse o papel da escola, de modo a transformá-la numa escola contextualizada com a realidade local, atingindo assim as camadas populares” (STEIMBACH, [S.L.: s.n.]).

Uma pedagogia socialista e de inspiração marxista, que teve como base a polêmica da tecnologia educacional e seus pressupostos positivistas no início da década de 70, e as teorias crítico-reprodutivistas³ que ocorreu no final da década de 70 e início da década de 80; sendo necessário afirmar o caráter político da educação inserindo-o na luta contra-hegemônica⁴, já que a hegemonização corresponde à burguesia que ocupa a posição dominante na pirâmide capitalista, como afirma (MAGLISIA, 2011, p. 24).

Assim, num momento em que o Brasil está passando por uma transição, por uma vontade de mudança em termos políticos com a crise do capitalismo nos anos de 1970, nasce a PHC⁵ entendendo a escola para além do papel de “*aparelho reprodutor*” das relações sociais de

³ As teorias crítico-reprodutivistas são entendidas como um movimento intelectual de tendência crítica baseado na produção intelectual marxista, que tratou de pensar a educação baseada em seus condicionantes sociais.

⁴ “Contra-hegemonia significa se colocar contra a ordem existente e estabelecida”, como definiu Nita, viúva de Paulo Freire, no II Congresso Internacional Paulo Freire, realizado no Campus Pampulha da UFMG, em 2018. Matéria completa no site: <https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/o-legado-de-paulo-freire-contrahegemonia-amor-e-linguagem/>

⁵ Usarei a abreviatura PHC para fazer referência à Pedagogia Histórico-Crítica, assim como o pedagogo Dermeval Saviani.

produção, passando-se a discutir com a classe dominada, ao invés dessa discussão se dar em função dos dominadores como nas Pedagogias hegemônicas⁶.

Dessa forma, a PHC tem sua filosofia fundamentada pelo Materialismo Histórico-Dialético anunciado por Marx, que se baseia na interpretação da realidade, com vista à sua mudança; a visão de mundo; a prática articulada à teoria (práxis); a organização da sociedade para a produção da vida (materialidade); e ainda, o caráter histórico que os homens constroem a partir de sua história (concreticidade), cujo princípio básico da lógica dialética é a *contradição* (tese, antítese e síntese) (GASPARIN; PETENUCCI, [S.L.: s.n.], p. 5). Portanto, a Pedagogia Histórico-crítica e seu processo de ensino tem, como elemento fundante a dialética – prática – teoria – prática. “Nesta concepção da lógica dialética, o professor pode superar o senso comum que está arraigado no ambiente educacional, terá que fazer uma reflexão teórica para chegar a consciência filosófica” (GASPARIM; PETENUCCI, [S.L.: s.n.], p. 5).

Mas Saviani (2008) evidencia que não se trata da transposição ou aplicação dos textos e análises de Marx no contexto pedagógico, mas sim, a elaboração de uma teoria pedagógica de acordo com a concepção de mundo e de homem própria do materialismo histórico.

Numa síntese bastante apertada pode-se considerar que a pedagogia histórico-crítica é tributária da concepção dialética, especificamente na versão do materialismo histórico, tendo fortes afinidades, no que se refere às suas bases psicológicas, com a psicologia histórico-cultural desenvolvida pela “escola de Vigotski”. A educação é entendida como o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens (SAVIANI, 2008 p.24).

Desse modo, importa dizer que “A Psicologia que embasa a Pedagogia Histórico-Crítica é a Teoria Histórico-Cultural de Vigotski, onde o homem é compreendido como um ser histórico, construído através de suas relações com o mundo natural e social” (GASPARIN; PETENUCCI, [S.L.: s.n.], p. 5).

Fazendo um desdobramento do termo “Histórico-Crítica” entende-se que a Pedagogia é *Histórica* no sentido de interferir na mudança da sociedade como um todo, podendo transformá-la a partir da educação. A educação é, portanto, a base para a transformação da sociedade que se encontra à mercê daqueles que detém o poder, cujos interesses não estão associados à educação igualitária e que promova de fato o conhecimento. E é *Crítica*, por ter consciência do propósito exercido pela sociedade sobre a educação, destacando a importância da escola e do

⁶ Entende-se como Pedagogias Hegemônicas, aquelas que reproduzem o sistema como está posto, não se preocupando em propor mudanças, ou seja, aquelas pedagogias que correspondem aos interesses da burguesia.

trabalho como conhecimento sistematizado, como constata (GASPARIN; PETENUCCI, [S.L.: s.n.], p.4). Assim, a proposta pedagógica, enraizada na realidade escolar, desenvolve sua metodologia a partir de etapas primordiais, mas não estanques, e que também não obedecem, necessariamente, uma lógica temporal. Ou seja, nunca saímos da prática social e o processo de catarse vai acontecendo paulatinamente imerso em constante problematização. A saber, entende-se a aplicação dessa metodologia pelo desenvolvimento das etapas:

1ª Etapa: Olhar para a prática social (perceber/ver como se dão as relações à sua volta e suas consequências);

2ª Etapa: Problematizar a situação (entender a situação para procurar mudá-la);

3ª Etapa: Instrumentalizar os educandos para que tenham ferramentas para promover efetivas mudanças na realidade;

4ª Etapa: Catarse (momento em que o estudante tem sua visão de mundo modificada. Prática social *para si*);

5ª Etapa: Prática social final (análise da situação após o estudo para ampliar a visão sobre a realidade passando da síncri⁷se para a síntese).

Importante destacar que no início de sua concepção, nos anos 70 e 80, a PHC mencionava “etapas” do método (algo mais linear e sequencial), mas hoje, Dermeval Saviani advoga pela nomenclatura “momentos” por entender não se tratar de uma sequência lógica, uma vez que um momento se intecruza com outro, podendo, inclusive, acontecer momentos simultâneos.

Vislumbrando mudanças positivas na educação - onde o ensino seja contextualizado com a realidade e voltado para as necessidades da classe trabalhadora - a metodologia da PHC pode possibilitar discussões em torno dos aspectos mencionados no capítulo anterior, pautadas na transformação de situações adversas ao desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha. É essencial que os estudantes possam entender sua realidade, dificuldades e pensar estratégias que visem à conversão da realidade dada.

Este método de ensino que visa estimular a comunicação, a autonomia e o exercício de análise e síntese entre os estudantes e professores, estudantes e estudantes e toda a comunidade escolar

⁷ Na Pedagogia Histórico-Crítica, entende-se que a síncri⁷se é a oposição, antítese daquilo que precisa ser conhecido, esclarecido (síntese).

também pode ser desenvolvido no ensino de arte - embora no Brasil não tenha, ainda - uma referência segmentada do funcionamento da PHC nesse campo.

3.1- O Ensino de Arte na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica

O que se tem notado no campo do ensino de arte na educação escolar nas últimas décadas é uma inconsistência no que se refere ao currículo - mesmo depois da obrigatoriedade nas escolas - e as diversas contradições metodológicas utilizadas no seu desenvolvimento através das variadas tendências e concepções presentes na educação brasileira, como analisa (SILVA; ARAÚJO, 2012, p. 2). Os autores mencionam ainda que, reflexões mais animadoras a esse respeito surgiram na década de 1980, com o surgimento de associações de arte/educadores e a criação de cursos de pós-graduação; alimentando as ideias que defendiam a arte como área de conhecimento, sendo esta, incorporada à Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394 de 1996), estabelecendo a obrigatoriedade do Ensino de Arte em lugar de Educação Artística; valendo-se para o Ensino Fundamental e Ensino Médio (SILVA; ARAÚJO, 2012, p. 12-13).

Muitos foram os métodos, técnicas e metodologias experimentadas no ensino de arte que aconteciam paralelamente à sua trajetória histórica, até que se chegasse ao país a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa⁸ nos anos 60, estabelecendo a contextualização, a apreciação e prática artística como afirmado por (LEITÃO, 2019, p. 22). Esta, que mais tarde foi rebatizada de “*Proposta Triangular*”, propõe uma articulação dos três eixos, de modo a despertar e desenvolver no estudante sua capacidade de percepção, imaginação e criação. Visava-se assim a formação de indivíduos capazes de conhecer e apreciar sua própria cultura, ao mesmo tempo em que pudesse analisar seu contexto social a fim de procurar modificá-lo (SANTOS, 2020, p. 87-88).

A proposta triangular alicerçada por Ana Mae Barbosa foi a referência maior para a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais-Arte (PCNs-Arte), de acordo com Patrícia Volpe (2006) *apud* (SANTOS, 2020, p. 88).

Seguindo essa linha de pensamento que visa o desenvolvimento da capacidade de percepção do estudante, sua formação associada à sua cultura e a modificação do seu contexto social, a PHC busca ultrapassar as barreiras do capitalismo, partindo da realidade de onde vive, conhecendo também a realidade global. A Arte, nesse sentido, ajuda a compreender o mundo como ele é,

⁸ Em 1991, Ana Mae Barbosa apresenta sua concepção de ensino de Arte por meio da triangulação de ações de leitura, contextualização e fazer artístico, através da publicação do livro “A imagem no Ensino da Arte – anos oitenta e novos tempos”.

bem como, a propor mudanças das formas mais viáveis e criativas possíveis, fazendo entender como essas mudanças acontecem. No contexto da PHC, o ensino de Arte faz-se a partir da superação daquilo que é vivenciado através do estudo, pois as mudanças vão acontecendo em cada indivíduo de maneira particular, ou seja, o conhecimento se dá de dentro para fora. Paulo Freire (1996) aponta que “A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica” (FREIRE, 1996, p. 17); enfatizando a importância da formação de estudantes não apenas curiosos, mas também críticos e capazes de criar mudanças com relação àquilo que descobrem estar errado.

Apropriada deste posicionamento, o trabalho realizado com os estudantes do 9º ano da E. E. Frei Rogato foi desenvolvido a partir do método das cinco etapas como sugere a Pedagogia Histórico-Crítica; buscando, no seu decurso, o entendimento e aproximação da arte do Vale do Jequitinhonha a partir de uma percepção individual dos estudantes; cuja mudança acontece primeiramente em seu mundo pessoal para uma posterior ampliação dos conceitos apreendidos. Para tanto, foram desenvolvidas atividades que permitiram aos estudantes uma análise das histórias, objetos e arte existentes em seu entorno, entendendo a relação destas manifestações com sua realidade pessoal e coletiva no lugar aonde vivem.

4- O QUE DIZEM OS ESTUDANTES QUANDO FALAM SOBRE ARTE?

Figura 2 – Aula de Arte com a turma do 9º ano da E. E. Frei Rogato nas dependências da escola.



Fonte: acervo da autora (2022)

4.1- Arte é tudo. O mundo seria sem graça!

Recorrendo-me aos métodos sugeridos por Saviani que constituem numa didática pautada nas etapas referidas anteriormente, iniciei as atividades da pesquisa com os estudantes sondando o que pensam e falam sobre arte até aquele momento. Busco com essa investigação desenvolver uma percepção e curiosidade neles a respeito do tema e ver quais conceitos possuem a respeito do mesmo: *o que é arte para você?* Desenvolvendo assim, a primeira etapa do ensino, a *prática social*.

*Arte São pinturas,
construções...expressão...dança...arquitetura...música...
cinema...teatro (anotações feitas em sala de aula).*

Então vocês acham que tudo isto é Arte? E onde podemos encontrar estas obras?

Alguns disseram que as obras de arte ficam em museus. Outros apontaram que também tem arte que não fica no museu.

Se o museu é o lugar de guardar as obras de arte, o que não está no museu pode ser considerado obra artística? Afinal, para que serve um museu de Arte? As peças de cerâmicas que são vendidas aqui no mercado municipal poderiam estar em um museu? O que vocês acham? Museu é o lugar de guardar obras de arte, e nem toda arte fica lá...onde fica? (Anotações no meu caderno de bordo).

Pinturas, obras, museus... estas foram as respostas para a pergunta, quando numa roda de conversa, discutíamos sobre “*o que é Arte*”, e qual o conceito de arte já haviam construído até aquele momento. Interroguei-os se já tinham parado para pensar se gostam de arte e o que achavam que são obras de arte. É sabido que conceituar a palavra *arte* é algo complexo e subjetivo. Mesmo para aqueles que a estudam de forma epistemológica e filosófica existe a complexidade de entendê-la a partir de fatores diversos. Cocchieri (2016) explica que “A arte traz consigo um campo em que a subjetividade se manifesta como espaço de criação de significado, não só por parte do artista criador, como também por parte do fruidor, enfatizado neste contexto” (COCHIERI, 2016, p. 6). Portanto, é compreensível que de início os estudantes nem ao menos tentem formular um conceito para a palavra arte, mas também é interessante perceber que citam as formas com que a arte se manifesta, sem a preocupação com o significado, a essência, o sentido da palavra em si. Interessa-lhes a forma como está presente em suas vidas. A estética visual tradicionalmente condicionada à beleza, e ainda, o famoso bordão “*arte é tudo*”, estão presentes nas suas respostas. Todos disseram gostar de arte e uma das estudantes disse gostar do céu e das estrelas porque são bonitos. Abre-se então uma questão em torno dos elementos “*céu*” e “*estrelas*” como possíveis obras de arte e a relação de “*arte, beleza e natureza*”.

Surge, portanto, outra conversa quando pensamos a natureza também como lugar de aprendizagem. Um lugar do qual fazemos parte. Para o filósofo Emanuel Coccia (2010), não se pode separar a planta do mundo que o acolhe. Para ele, interrogar as plantas é compreender o que significa estar-no-mundo (2010, pg. 13).

Observei também, que apesar de não se sentirem capazes de apresentar um conceito de arte, sabem de alguma forma que a arte é relevante em suas vidas quando destacam que a arte está em todos os lugares; pois ao sugerir que imaginassem o mundo sem arte responderam: seria sem cores, sem cinema, sem teatro, sem dança, sem celular. O mundo seria sem graça, arte é tudo!

Até nesse ponto da conversa descobrimos o quão a arte está interligada as nossas práticas cotidianas e como é fácil relacioná-la aos mais diversos temas observados em nosso entorno. Quando questionados se *fazem arte* e da existência de arte em suas casas, os estudantes disseram perceber a presença da arte nos quadros pendurados nas paredes, TV, jardim... Uma estudante citou o forno artesanal de assar biscoitos e um outro mostrou, com satisfação, uma pasta com os desenhos que costuma produzir e relatou ter pintado uma das paredes de seu quarto e parte do muro da casa onde mora. Outra estudante enfatizou que faz arte apenas na escola, quando participa de encenações teatrais. Conversamos então, sobre a presença das manifestações artísticas em nossas vidas, esclarecendo que muitas vezes fazemos arte sem dar para ela a devida atenção. Que no cotidiano lidamos com a arte desde às mais simples formas de experimentação/apreciação como através da dança, do canto, da produção de um desenho, uma performance, como também de formas mais complexas, como tocar um instrumento musical, fazer um bordado, escrever um poema e interpretar um personagem numa peça teatral, por exemplo.

Já no final da conversa, uma estudante volta a fala do museu como um lugar que guarda objetos mais antigos. Ela comenta:

Acho que nas nossas casas não existem estes objetos antigos que ficam no museu. Parece que eles têm muito valor. São caros e guardam histórias de pessoas importantes (relato de uma das estudantes).

Após estas primeiras abordagens com uma discussão sobre o fazer artístico, museu e objetos antigos, direcionamos essa sondagem inicial para a arte existente na cidade de Araçuaí. Conduzi os educandos a uma busca pelas expressões artísticas presentes na cidade. Lembraram que

Araçuaí possui museu, cinema, esculturas nas praças, a cooperativa “*Dedo de gente*”⁹, as construções antigas.

Tais colocações levaram-me à percepção de que associam apenas os trabalhos esculpidos, moldados ou construídos em três dimensões, providos de maior visibilidade para apreciação/exposição na cidade como arte pertencente da mesma. Não lembraram nesse primeiro momento, dos corais, do grupo de teatro, dos artesãos, dos cantores e tocadores da cidade. Estas são talvez manifestações menos lembradas pelo fato de necessitarem de uma performance, da presença do corpo do artista para a realização da obra, ou da presença física nos locais das apresentações para a apreciação, diferentemente das expressões que foram lembradas *a priori*.

Ao lhes perguntar se percebem alguma identificação pessoal com esse tipo de arte existente na cidade, surgiram respostas afirmativas e também negativas, pois alguns afirmaram não achar “bonito” esse tipo de arte; enquanto outros se identificaram por acharem “diferente”. Abrimos então um parêntese nessa conversa para falarmos sobre a relação da arte e beleza. Concluímos que uma obra de arte pode expressar muitas outras coisas além de beleza e harmonia. Uma obra de arte pode trazer uma sensação de incômodo em sua essência, trazer um conceito, uma tradição, uma ideia, uma opinião de protesto, de dor, crueldade. John Dewey (2010) escreveu sobre a função da arte para romper a crosta da consciência convencional e rotineira. Ele segue falando das coisas comuns como o canto dos pássaros, o cheiro de uma flor, o brilho das estrelas... são processos que nos toca. E esse processo é arte (2010, p. 250). Quanto ao “diferente”, indaguei sobre o que achavam diferente na arte produzida no Vale, e disseram que é uma arte mais rústica, que os materiais usados para a produção são normalmente naturais, e que é bem diferente da arte dos outros lugares. A esse respeito, refletimos sobre as especificidades que a arte possui variando de região para região, de lugar para lugar, apresentando identidades culturais que são - no caso das artes visuais - percebidas em sua estética visual; que a produção artística feita no Vale do Jequitinhonha possui essas especificidades relacionadas à história, crença e modo de vida do Vale.

Nessa primeira roda de conversa capta-se o olhar dos estudantes para a arte em seu entorno, sua relação individual com a arte que os cerca, a arte produzida no lugar aonde vivem. E, para além

9 Cooperativa de artesanato formada e dirigida por jovens do Vale do Jequitinhonha e Norte de Minas Gerais, com uma “fabriqueta” na cidade de Araçuaí. Informações no site: <http://www.cpcd.org.br/portfolio/dedo-de-gente-exemplo-de-desenvolvimento-coletivo/> Acesso em 17/08/2022

da arte, vários temas relacionados à nossa cidade e ao Vale do Jequitinhonha em geral surgiram a partir dessa abordagem. Falamos a respeito dos patrimônios materiais e imateriais de Araçuaí, como o coral “Trovadores do Vale”¹⁰ e as casas antigas de arquitetura barroca existentes na região, da empresa de mineração que está começando a atuar nas redondezas; do quanto hoje a cultura industrial está presente em nosso meio. Capta-se também a efetuação da “*prática social inicial*” que acontece na primeira etapa da prática docente na perspectiva da PHC. Para Gasparin (2007) *apud* Steimbach (2008), “[...] uma das formas para motivar os alunos é conhecer sua prática social imediata a respeito do conteúdo curricular proposto.” (GASPARIN, 2007, *apud* STEIMBACH, 2008, p.03). Abre-se, portanto, um leque de temas relacionados às vivências e percepções de mundo desses estudantes, que direcionam a discussão abordando aspectos culturais, artísticos, políticos, religiosos, etc. em torno do tema inicial.

Ainda instigados pelo tema abordei sobre os artistas do Vale do Jequitinhonha. A maioria não se lembrou de nenhum nome - uma das estudantes disse já saber sobre Lira¹¹ -. Nessa linha de estudo, outros momentos aconteceram com vista ao conhecimento sobre a arte e vida do Vale do Jequitinhonha; com o intuito de evidenciar problemas, contradições e práticas com foco na arte do Vale.

¹⁰ Coral de músicas folclóricas formado pelo padre franciscano Francisco van der Poel (Frei Chico) em 1970, do qual atualmente faço parte.

¹¹ Maria Lira Marques é uma artista referência da cidade de Araçuaí e do Vale do Jequitinhonha. Produziu, por muito tempo, máscaras em cerâmica inspiradas na cultura indígena e africana, e atualmente produz pinturas e desenhos utilizando a terra colorida.

4.2- Encontro com Lira Marques: conhecendo o museu “*Um presente de Frei Xico e Lira Marques*”

Figura 3 – Conversa dos estudantes com Lira Marques no museu de Araçuaí



Fonte: acervo da autora (2022)

Após uma das alunas dizer que conhecia Lira Marques, quis saber mais. Colher informações que possuía a respeito da artista. Perguntei se a conhecia pessoalmente, se sabia qual o tipo de arte que ela fazia e se conhecia o trabalho dela.

“é aquela que tem umas trancinhas, né dona¹²?”

(pergunta da estudante quando falava sobre Lira)

Prosseguindo, a estudante afirma que “achava” que Lira Marques mexia com barro e que era de Araçuaí. Explanei sobre a vida da artista que atualmente é reconhecida como uma das maiores representantes da arte do Vale do Jequitinhonha. Num outro momento, convidei-a para uma roda de conversa com a turma no museu da cidade. A ação de levar os estudantes ao encontro da artista e também ao museu, dialoga com a ideia de uma escola viva - em movimento

¹²“Dona” é uma expressão de tratamento usada por alunos do município de Araçuaí para se referirem às professoras.

- que rompe com um ensino fragmentado e estático. Um ensino que compreende a importância da arte no desenvolvimento de uma cultura.

Na visita ao museu, inicialmente nos acomodamos para uma conversa com Lira Marques, que expôs suas experiências como artista do Vale do Jequitinhonha. A artista ceramista falou de sua vida na infância, juventude e da sua relação com o barro desde pequena; prendendo a atenção dos estudantes com o relato da sua trajetória como artista que carrega o legado da arte proveniente das vivências, cultura e modo de ver do povo do Vale. Afirmou que, embora esteja, atualmente, com contrato de exclusividade com a galeria Gomide & Co¹³ em São Paulo e com a AM, sua filial em Belo Horizonte, não foi fácil chegar até onde chegou. Relatando preconceitos, críticas severas, e que seu nome não foi construído de um dia para o outro, exigindo muito conhecimento e determinação da parte dela. Disse que trabalhar com a arte no Vale do Jequitinhonha é muito difícil, pois não dá para exercer o ofício com exclusividade, sendo necessário ter outra(s) fonte(s) de renda. Explicou que o apoio ao artista na região é quase inexistente e que o reconhecimento do trabalho é pouco; mas que paralelamente a tudo isto, sempre leu muito e sempre buscou entender que tudo isso faz parte do mundo da arte. O importante para ela é não se envaidecer e não perder suas raízes. É o que mais valoriza nisso tudo.

Qual é a idade da senhora?

A senhora viaja muito?

A senhora trabalha com outra coisa?

Quando faz arte, o que imagina?

(perguntas dos estudantes a Lira Marques)

Em meio à conversa, Lira saciava as curiosidades dos estudantes as quais aprofundavam conforme iam se interessando pelo assunto. Na entrevista revelou ter 77 anos de idade, que viaja sempre que possível, pois em consequência de problemas de saúde, já não possui o mesmo vigor e mobilidade de antes; disse ser muito procurada por pessoas de diversas áreas, ofícios e lugares diferentes que querem saber do seu trabalho. Contou que sabe fazer muitas coisas que são de tradição da vida no Vale, mas que antes de poder viver da sua arte, como filha de lavadeira, sempre ajudou sua mãe neste ofício. Lavavam roupas das famílias de Araçuaí. Mas sempre se envolveu em movimentos sociais. Afirmando ser de família simples e humilde e que

13 Visite a Galeria Gomide & Co através do site: <http://gomide.co/>

durante toda a sua vida buscou melhorias na região do Vale, atuando na cultura, política e igreja, a artista Lira Marques relatou que a inspiração para o seu trabalho é a vida e o sofrimento do povo do Vale do Jequitinhonha. Que sempre buscou retratar através da arte esse modo de viver que ela percebe na região, assim como, nunca deixou de lutar pelos direitos do povo, sendo defensora da justiça e da igualdade. Percebe-se nesta fala da artista, o conceito de arte como conhecimento simbólico, onde “A forma simbólica é a energia espiritual que reúne o material sensível com o intelectual, ou seja, a forma simbólica está entre o fato em si e sua significação” (FURLANETTO, 2012, p. 37). E ainda de acordo a autora, “Não se pode conhecer a realidade independente das formas simbólicas nas quais se apresenta, *a coisa em si* não é possível apreendê-la, pois a vida real é feita da variedade da riqueza que as formas simbólicas possuem” (2012, p. 40).

Aqui é possível perceber também o ciclo da PHC, pois a *prática social* é inicialmente problematizada, e há a *instrumentalização* por meio da conversa com a artista e visita ao museu local (como será descrito em páginas posteriores), onde a *prática social* é ressignificada.

Figura 4, 5 e 6 - Máscaras em cerâmica e Pinturas com pigmentos naturais - Lira Marques



Fonte: <http://gomide.co/> Acesso em 22/10/2022.

Assim como Lira Marques, muito(a)s artistas latino-americano(a)s tem criado obras em que são retratados aspectos do cotidiano como meio de provocar reflexões sobre o modo consumista da sociedade, como afirma Richter (2008):

Muito(a)s artistas latino-americano(a)s têm questionado o caráter consumista de nossa sociedade, criando obras em que aspectos do cotidiano são trazidos à luz de novos olhares, buscando o pensamento reflexivo, como também obras em que objetos do cotidiano evocam reminiscências culturais. (RICHTER, Ivone, 2008, p. 108).

Os saberes evocados na fala da artista vão de encontro às demandas da segunda etapa da metodologia da PHC quando traz a problemática da vida do artista proveniente do Vale e as dificuldades que permeiam a produção e o reconhecimento de sua arte. As novas informações contribuíram para as percepções a respeito da arte local, suas interferências e relevâncias na formação do ser vivente do Vale, trazendo questões que envolvem a identidade, características e dificuldades da arte e artistas da região. Além da *prática social* que acontece durante todo o processo, vivenciamos a teoria que envolve o fator histórico, social e político da arte do Vale - suas contradições -.

No segundo momento da visita, os estudantes conheceram o acervo do museu “Um presente de Frei Xico e Lira Marques”, que fica no Bairro Esplanada. Único museu existente na cidade de Araçuaí, estando na atual localização desde 2010. Sem vínculo com a prefeitura municipal ou qualquer outra instituição governamental, o museu vive de doações e da realização de eventos culturais que são idealizados pela equipe gestora e realizados no seu próprio espaço. Além de turistas, estudantes de várias universidades - inclusive de outros estados -, o museu está sempre aberto para acolher escolas, grupos sociais e visitantes de todas as regiões.

Iniciamos a visita conhecendo os murais explicativos, os artistas regionais e suas respectivas obras; em seguida o acervo composto por muitos elementos que contam a história e cultura do município de Araçuaí e região como: talhas, potes, vasos e outros objetos antigos de cerâmica; palmatória, oratório, instrumentos musicais, arreatas para montaria, e tantas outras peças que foram recolhidas com este objetivo.

Figura 7 e 8 - Objetos do acervo do museu “Um presente de Frei Xico e Lira Marques”



Fonte: acervo da autora (2022)

Os estudantes ouviram sobre a origem, o valor histórico e serventia desses objetos, os artistas, e as obras ali expostas, tomando consciência da visibilidade e essencialidade cultural de cada

um como componente importante do patrimônio cultural de Araçuaí e região. Segundo Marandino (2015) *apud* Araújo (2018),

Numa perspectiva histórica e atemporal, os museus foram constituídos para a preservação patrimonial, comunicação e educação, sendo esta última, uma temática que vem crescendo significativamente em pesquisas nacionais e internacionais sobre educação em museus (MARANDINO, 2015 *apud* ARAÚJO, 2018, p. 3).

Araújo (2018) acrescenta que preservar a cultura de um povo, possibilitando sua interação com a obra de arte, produzir conhecimento e disseminá-lo, também podem ser exemplos do papel social do museu na atualidade (ARAÚJO, 2018, p. 4). Entende-se assim como primordial a apreciação dos objetos que compõem o acervo do museu da cidade, na expectativa de aproximar e provocar o olhar dos estudantes para a história local, modo de viver e o entendimento da conservação dessa memória coletiva como patrimônio. Conheceram aqueles objetos antigos fez com que vissem a história do lugar onde vivem ser contada a partir de elementos que, em sua maioria, eram desconhecidos por eles.

Além de outros artistas locais que retratam a cultura da região, os estudantes puderam conhecer de perto o trabalho de Lira Marques, visualizando características antes mencionadas pela artista. Relacionavam os objetos do museu com aqueles do seu próprio cotidiano, comparando-os e percebendo as diferenças entre os objetos antigos daqueles usados na atualidade e admirados queriam tocar em tudo e fotografar o que mais achavam interessante.

Figuras 9 – Estudantes ouvindo sobre o acervo do museu



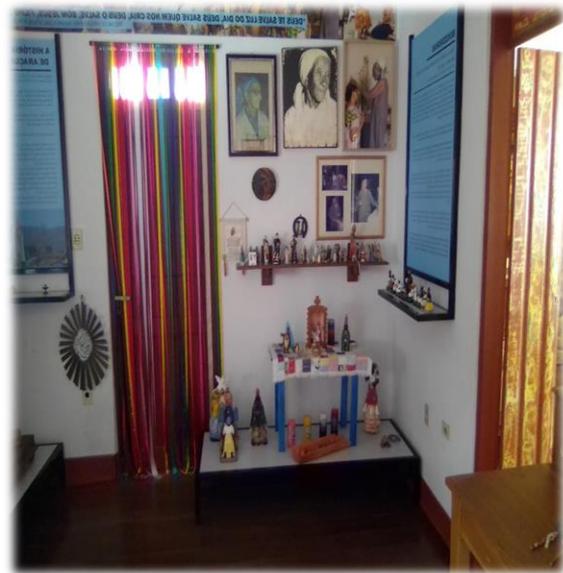
Fonte: acervo da autora (2022)

Para Richter (2008), ver a cultura valorizada e estudada de forma detalhada e percebida como algo importante na cultura da humanidade, pode significar o crescimento da autoestima na formação da própria individualidade dos estudantes (RICHTER, 2008, p. 108). E Araújo (2018) diz que “a capacidade de compreensão do público com a obra de arte está relacionada com as suas experiências artísticas, as suas vivências com diferentes objetos de arte ao longo da vida” (ARAÚJO, 2018, p. 8). Porquanto, por meio dessa proximidade, puderam relacionar a arte do Vale do Jequitinhonha com as vivências do seu povo, podendo, inclusive, verem-se inseridos nessa história. Entende-se, então, que o pensamento crítico dos estudantes tenha sido despertado e o estímulo pela busca de mais conhecimento a respeito do tema tenha sido atingido, levando-nos ao desenvolvimento de outras atividades.

Figura 10 - Estudantes conhecendo o interior do museu



Figura 11 – Sala de crenças e religiosidade



Fonte: acervo da autora (2022)

Lá em casa tem um desse!

Lá na minha avó tinha um “trem” desse aqui!

O que é isso, dona?

Compreende-se nesta etapa do estudo, a passagem do conhecimento sincrético ao sintético. Nesta perspectiva, faz-se o entendimento de que por meio da experiência vivenciada, cada estudante de maneira particular desenvolveu a conscientização da importância do patrimônio histórico e cultural do lugar onde mora. Vivenciando, portanto, a *instrumentalização*. Ao mesmo tempo, pode-se perceber que a *catarse* também se faz presente nesse momento do estudo, pois a mudança do conhecimento inicial para o conhecimento adquirido - concreto

pensado -, é efetuado. Acontece, assim, o entrecruzamento de momentos, cuja aprendizagem vai se efetuando em momentos simultâneos, como pensado por Dermeval Saviani.

4.3- Um Vale valioso: Olhar de um artista

Com o intuito de trazer mais informações e fomentar a terceira etapa da pesquisa, que sugere a “*instrumentalização*” dos educandos para a efetivação de mudanças na realidade dada, foi idealizada a visita do professor, pesquisador, morador e artista do Vale, Ernani Calazans,¹⁴ que realizou em sala de aula, uma explanação para os discentes com base em suas pesquisas e experiências entre arte e fotografia.

Exaltando a relevância da arte no nosso cotidiano, comentando sobre as paisagens, costumes, artesanatos e outras especificidades que tornam o Vale do Jequitinhonha diferente das outras regiões de Minas Gerais. Utilizando slides com fotografias e mapas Ernani Calazans discorreu sobre a arte, costumes, história e/ou geografia de localidades do Baixo, Médio e Alto Jequitinhonha. Falou sobre a nascente do rio Jequitinhonha na cidade de Serro, das casas coloniais do lugar e narrou a “*feitura*” tradicional do queijo, patrimônio imaterial dessa cidade.

Então, Serro fica na Serra do Espinhaço?

...já estudamos sobre essa serra.

Nossa! Lugar muito bonito!

14 Ernani Calazans de Oliveira é Mestre em Artes pelo Prof - Artes - Universidade Federal de Minas Gerais (EBA – UFMG). Artista Plástico pesquisador da cultura e costumes do Vale do Jequitinhonha, Arte educador, Fotógrafo e também professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG), lotado no Campus Araçuaí.

Figura 12 - Professor Ernani Calazans conversando com os estudantes sobre o Vale do Jequitinhonha



Fonte: acervo da autora (2022)

Figura 13 - Turma do 9º ano assistindo a aula com o professor Ernani Calazans

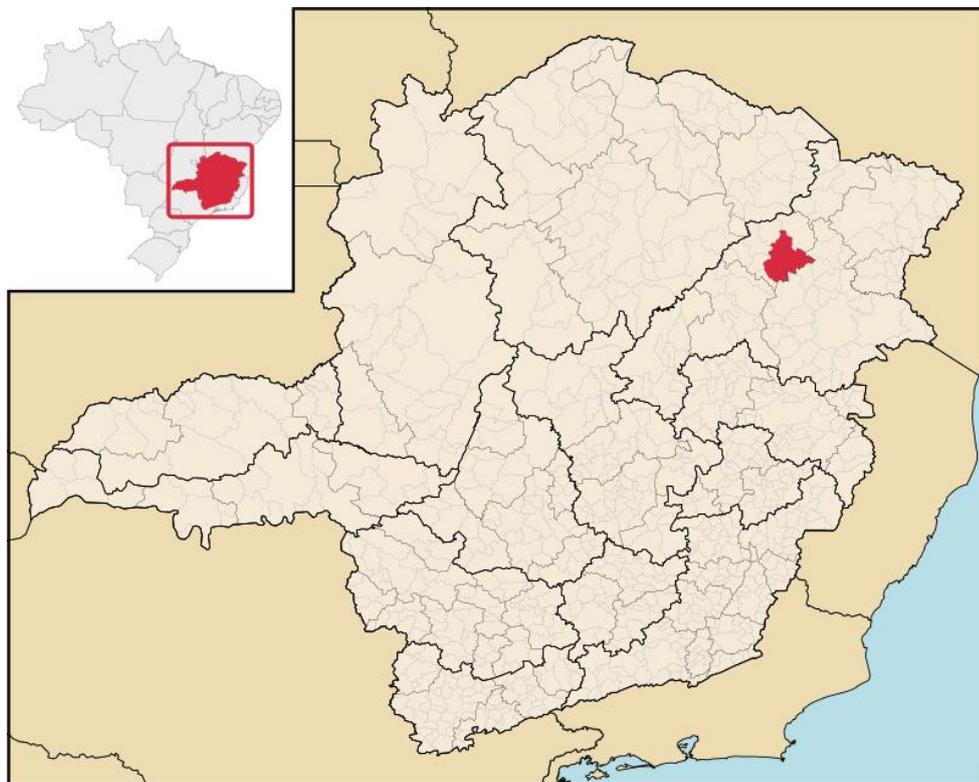


Fonte: acervo da autora (2022)

Além da cidade de Serro, o artista teceu comentários a respeito da arquitetura e da dinâmica existente no funcionamento de Diamantina: patrimônio histórico de Minas Gerais. Seguindo o

curso do rio, expôs características de outras cidades pertencentes ao Alto Jequitinhonha como Turmalina e Minas Novas; explicando a origem dos nomes das mesmas e mostrando através de imagens, o quanto o minério é abundante na região; fazendo desta um lugar valioso em termos econômicos. Da mesma forma, chegou ao Médio Jequitinhonha falando também sobre essas riquezas minerais e naturais; citando as belas paisagens das cidades de Coronel Murta e Itinga. Sobre Araçuaí, comentou e mostrou imagens da festa de Nossa Senhora do Rosário e ressaltou a Feira Municipal, que possui uma grande diversidade de produtos originários do lugar, bem como, o trabalho artesanal de artistas desta região.

Figura 14 - Mapa da localização da cidade de Araçuaí em Minas Gerais



Mapa disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ara%C3%A7ua%C3%AD#/media/Ficheiro:MinasGerais_Municip_Aracuai.svg
Acesso em 12/08/2023.

Sobre o Baixo Jequitinhonha retratou as cidades Joáima e Jequitinhonha, que também tiveram um pouco das suas histórias contadas a partir dos seus nomes de origem indígena; chegando por fim aos artistas da cidade de Almenara. Destacou o artista João do Cipó - que produz objetos diversos, como sofás, cadeiras, chapéus e bolsas - da cidade de Almenara; prosseguindo, Ernani expôs brevemente o trabalho de outros(as) artistas que considera importantes na região, como: Ulisses Mendes de Itinga, Dona Isabel Mendes de Santana do Araçuaí, Zefa de Araçuaí, Zezinha de Campo Alegre, comunidade do município de Turmalina, Lira Marques e outros.

Ressaltou através de fotografias o tipo de arte que cada artista produz. Sempre destacando a relação das obras com o lugar de origem e história de cada um(a). Discorreu sobre as dificuldades enfrentadas pelos(as) artistas do Vale na obtenção de visibilidade do seu trabalho, como a falta de incentivo por parte dos órgãos públicos e da carência social que o(a) artista da região precisa lidar.

Figura 15 - Divisão das três regiões do Vale do Jequitinhonha



Mapa disponível em <http://blogdobanu.blogspot.com/2011/07/as-10-cidades-mais-populosas-do-vale.html>
Acesso em: 06/06/2023.

Ao encontro dos objetivos do estudo, essa conversa com o professor Ernani Calazans propiciou um conhecimento mais profundo do lugar onde vivemos, ganhando ressignificação aos olhares. Pimentel (2011) aponta que “só acontece a aprendizagem quando há criação de sentido, isto é, quando a informação for significativamente consistente para que ganhe significância para a criança” (PIMENTEL, 2011, p. 768). Desse modo, o conhecimento sobre fatos, artes, histórias e costumes provenientes do Vale do Jequitinhonha, bem como, suas contradições com relação ao artista e sua produção, podem levar os estudantes ao entendimento - e talvez à identificação pessoal - da produção artística do Vale, relacionando-a as suas próprias vivências.

Para além da “*instrumentalização*”, com informações, saberes e conhecimentos científicos dos problemas anteriormente levantados, desenrola-se nesse estágio do estudo, a *catarse*, concretizada através da aquisição destes saberes sobre o Vale do Jequitinhonha. As questões relacionadas a patrimônio, à produção artística, valorização do artista e à visibilidade da arte do Vale expostas durante todo o processo ao qual foram desenvolvidas as atividades, culminam também aqui, no entrecruzamento de momentos no estudo onde a terceira etapa da metodologia acontece simultaneamente à quarta. Discute-se com os estudantes “*o quê*” e “*como*” fazer para

dar visibilidade às produções artísticas do Vale e aproximar os “valinos”¹⁵ dessa produção no seu cotidiano.

¹⁵ Expressão usada pelo escritor Jota Neris para se referir às pessoas do Vale do Jequitinhonha.

5- CRIANDO UM MUSEU VIRTUAL

Como podemos aproximar os estudantes, que vivem nesta região, da arte que aqui é produzida; para que se reconheçam como participantes, autores e protagonistas da mesma? Retomei essa questão com os discentes numa conversa em aula, discutindo sobre a relevância das informações obtidas no desenrolar do estudo. Agora, ano de 2023, cursando o 1º ano do Ensino Médio avaliamos como as atividades foram desenvolvidas, se gostaram de participar da pesquisa e o que aprenderam na sua desenvolvimento. Com opiniões positivas, unanimemente, gostaram da visita ao museu. Afirmaram ter aprendido “muitas coisas” sobre o Vale que ainda não sabiam; que muitas informações a respeito da localização, arte, cultura e aspectos da geografia não eram percebidos por eles antes da realização das atividades; e que identificaram em casa e nas casas de familiares alguns dos objetos que conheceram no museu.

Pensamos então numa forma prática de culminar o nosso estudo, transpondo a aprendizagem para além da turma, e propiciando oportunidades para a experimentação artística e protagonismo desses estudantes com base em suas vivências e histórias familiares. Histórias de vida que formam o lugar aonde vivem, a partir de elementos “singulares” percebidos no cotidiano deles. Um material didático capaz de reunir as habilidades artísticas dos estudantes com o conhecimento adquirido ao longo do desenvolvimento do estudo. Dentre outras ideias que surgiram, a considerada mais louvável, indo de encontro à temática até então desenvolvida e mais propícia para a execução em função da apropriação de meios tecnológicos, foi a criação de um museu virtual, cuja percepção de Loyola (2016) se faz pertinente:

Os processos de construção do conhecimento pelo homem na cultura contemporânea se tornam mais complexos no período compreendido entre o final do século XX e começo do século XXI, período notadamente caracterizado pelo uso de recursos tecnológicos - como no caso dos ambientes virtuais e da internet - e pelas possibilidades cognitivas que proporcionam outros fenômenos - como simulação e interatividade - e por variadas relações com o conhecimento que se tornam possíveis e factíveis (LOYOLA, 2016, p. 31).

Decidimos pela criação de um museu virtual para expor as histórias pessoais desses estudantes, de seus familiares, de artesãos, artistas, imagens fotográficas, objetos antigos, recortes de jornal, cadernos... para enfatizar e tornar visível a relação destes com a arte local. Retratos, áudios e imagens que contam as histórias de vida das pessoas em conexão com as representações artísticas do Vale do Jequitinhonha. Num processo que culmine as aprendizagens adquiridas ao longo deste trabalho; e que os estudantes possam, com este, revelar sua possível visão de mundo e da realidade modificada, efetuando, desse modo, a *prática para si*.

Ainda segundo Loyola (2016) “O material didático para o ensino-aprendizagem em arte é um componente indispensável” (LOYOLA, 2016, p. 13) e, nesse sentido, é importante pensar num material que se faça eficiente para o ensino-aprendizagem dos estudantes. Pimentel (2011) diz que nos dias de hoje o ensino de arte, seja na produção artística ou nos estudos sobre arte, não pode deixar de usar tecnologias contemporâneas, e segue afirmando que:

Desde a fase de registro escrito ou imagético, o uso de tecnologias participa da vida do artista/professor/pesquisador, mesmo que seja apenas como ferramenta. Já na fase de divulgação, a ferramenta pode vir a ser um instrumento de criação. A divulgação, tanto da produção quanto dos estudos, deve fazer parte integrante do processo de ensino, uma vez que é através dela que esse processo se dinamiza e reinicia constantemente. (PIMENTEL, 2011, p. 769)

Do mesmo modo, na obra “Patrimônio, ensino e educação: formação profissional” do Ministério da Cultura (2017) aponta que

Atualmente, é inegável a função social que exercem os museus, sobretudo se os entendermos como espaços de sociabilidade, fórum de debates, de trocas de saberes, experiências, práticas e afirmação de identidades; como espaços praticados por produtores de cultura e conhecimentos; como lugares educativos que se constituem e que fortalecem as memórias individuais e coletivas – a memória social (ISCOMPA, 2017, p. 21).

Na mesma obra, o autor acrescenta que o museu, enquanto instituição distante e aristocrática, tem se transformado cada vez mais em uma instituição consciente da sua relação orgânica com seu próprio contexto social (ISCOMPA, 2017, p. 24). E na visita ao museu “Um presente de Frei Xico e Lira Marques”, evidencia-se de fato, a existência dessa relação de proximidade do museu com o contexto social em que se encontra inserido.

Protagonistas de suas histórias e curadores do museu, toda a organização do espaço virtual, a catalogação dos objetos e recolhimento das narrativas, fazem parte da pesquisa dos estudantes, fazem parte daquilo que consideram importante para a conexão com a arte do lugar onde vivem.

Desse modo, a proposta inicial era estimular os estudantes para uma pesquisa, uma observação das coisas, histórias, pessoas, objetos, lugares, etc., buscando por algo que tivesse uma história a ser contada. Uma história que surge a partir de um objeto familiar, da vivência de pessoas consideradas importantes por alguma razão, de uma fotografia antiga, fatos históricos. Enfim, uma história que se caracterize por possuir uma relação com o lugar onde vivem, com aquilo que consideram arte. De acordo com Freire (1996), “A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com

quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado” (FREIRE, 1996, p. 21). Alinhada com Freire, acredito que com a criação do museu os educandos experimentam a pesquisa, as narrativas, a busca por elementos representativos do Vale do Jequitinhonha e se inserem nesse processo de conhecimento com base naquilo que foi apreendido e, conseqüentemente, modificado; enquanto eu, no meu papel de docente, busco neste trabalho, agir de maneira coerente, ciente de estar exercendo a prática do Pensar Certo.

5.1- O museu “ A Arte e Vida no Vale do Jequitinhonha”

O primeiro passo para a criação do museu como material didático para a aplicação da aprendizagem dos estudantes, objetos da pesquisa, foi levá-los ao laboratório de informática da escola para o contato com museus virtuais. Era importante que conhecessem a forma de acesso a um museu virtual, o que se encontra nesse tipo de museu e entenderem como funciona a partir do olhar do visitante. Ao navegarem pelos museus e galerias (a galeria Gomid & Co, onde puderam visualizar as obras de Lira Marques novamente) conheceram obras e biografias de alguns artistas, bem como, a forma como dispõem os conteúdos, o modo como o visitante virtual tem acesso às informações e os acervos. Assim, perceberam na prática, o quão importante pode ser um museu no papel de mediador do acesso a conhecimentos sobre a arte, história e cultura de um determinado lugar, povo e período. De acordo com Araújo (2018), Fróis (2011) considera que os museus vêm passando por mudanças nos processos de visitas, acessos e conhecimento das obras de arte. E que talvez, essa seja uma forma de atingir públicos antes “inatingíveis”, que nunca tiveram contato com a arte ou condições de frequentarem esses espaços. Reitera que através de ferramentas virtuais como a *internet*, alguns dos principais museus do mundo se tornaram mais acessíveis (FRÓIS, (2011) *apud* ARAÚJO, (2018)), e Pimentel (2011) enfatiza que “A tecnologia digital propicia novas formas de pensar e fazer arte” (2011, p.766). Nessa perspectiva, importante ressaltar que antes deste trabalho a maioria dos estudantes ainda não conheciam um “museu”, cuja experiência de conexão com este espaço se deu exatamente com a visita que fizemos ao museu “Um presente de Frei Xico e Lira Marques”. Agora, através da *internet*, conheceram outros espaços virtuais e puderam fazer comparações e ver outras formas com que os museus podem apresentar seu acervo.

Para Loyola (2016) “Partindo do que o aluno já conhece, do que é comum para ele e do que ele aprecia em Arte, pode-se estimulá-lo a descobrir, a explorar e a experimentar” (LOYOLA,

2016, p. 16). Partilhando deste pensamento, acredito que a ideia de um museu virtual contempla muitas expectativas dos estudantes com relação à sua produção e manuseio. A turma possui um grande interesse pelas mídias sociais, apresentando facilidade de acessar e familiaridade com a tecnologia.

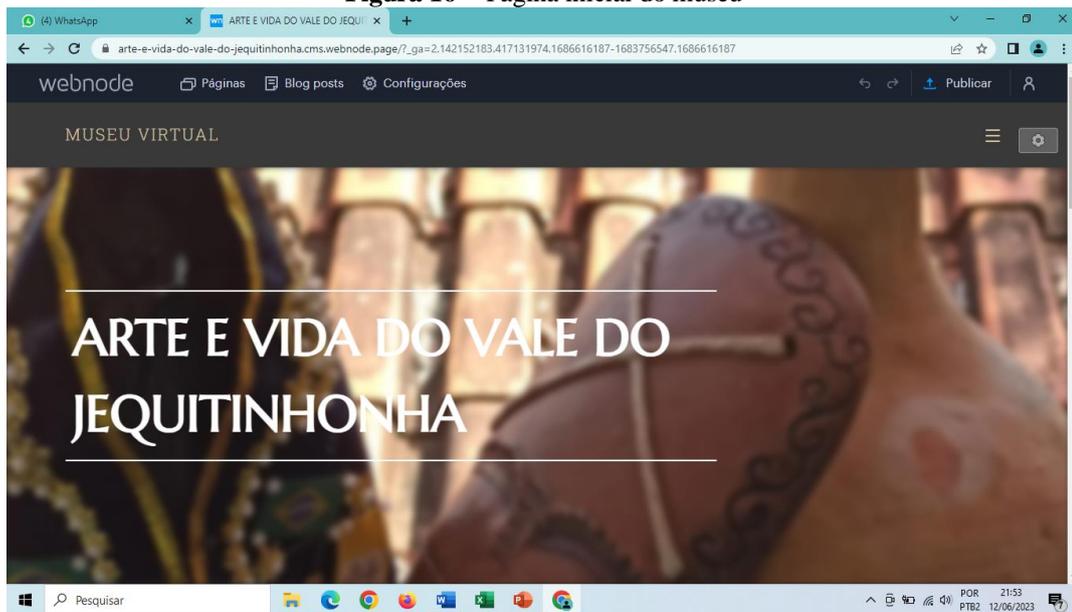
Verificar dentre os estudantes quais gostariam de criar o espaço virtual e também fazer a inserção do material recolhido por eles como acervo, foi o passo seguinte. Empolgados, também discutiram sobre “o quê” deveria fazer parte do museu e de que formas poderiam fazer o recolhimento desse acervo. Foi então sugerido que pensassem em algo que tivesse uma história para contar, algo significativo para eles e/ou seus familiares, transformando essas histórias e objetos em material para o museu a ser criado. Na obra “Patrimônio, ensino e educação: formação profissional” do Ministério da Cultura (2017) ressalta que

As investigações que realizamos no campo do patrimônio cultural e museologia têm permitido que as comunidades participem, das mais variadas formas, dos processos de educação e formação, que lhes garantem a apreensão de sentidos, de valores culturais próprios de seu cotidiano, pois acreditamos que a participação permite interações com as demais dimensões da vida comunitária, da geração e operacionalização de situações de aprendizagem com base no repertório regional e local (BRASIL, MINISTÉRIO DA CULTURA. PATRIMÔNIO, ENSINO E EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO PROFISSIONAL. 2017, p. 17).

Partindo do repertório familiar, dos valores culturais e regionais destes estudantes, foram estimulados a produzir textos sobre os objetos, pessoas, lugares, fotografias e todo o material já recolhido para a inserção como acervo do museu. Nessa etapa, percebe-se uma “nova postura prática, pelas novas atitudes, novas disposições que se expressam nas intenções de como o aluno levará à prática, fora da sala de aula, os novos conhecimentos científicos” (GASPARIN; PETENUCCI [...] p. 10).

De posse do material pesquisado, os estudantes foram inserindo-o no museu virtual. Cada estudante pôde dar sua contribuição para a criação do museu que foi chamado de “*A Arte e Vida no Vale do Jequitinhonha*”. De acesso rápido e prático, já que é possível acessar o museu através de dispositivos atualmente acessíveis como o celular, toda e qualquer pessoa de posse do login: <https://arte-e-vida-do-vale-do-jequitinhonha.webnode.page/>, pode visitar o museu e conhecer as produções dos estudantes.

Figura 16 - Página inicial do museu



Fonte: <https://arte-e-vida-do-vale-do-jequitinhonha.webnode.page/>

Após a página inicial (descendo a barra de rolagem), estão dispostos com imagens, temas e pré-textos os conteúdos do acervo do museu. Ao clicar em cada uma das imagens, o visitante será encaminhado para as páginas correspondentes, que contém, além do tema, a história de cada objeto, artista, lugar.

Figura 17- Imagem parcial da página que contém os posts do museu virtual.



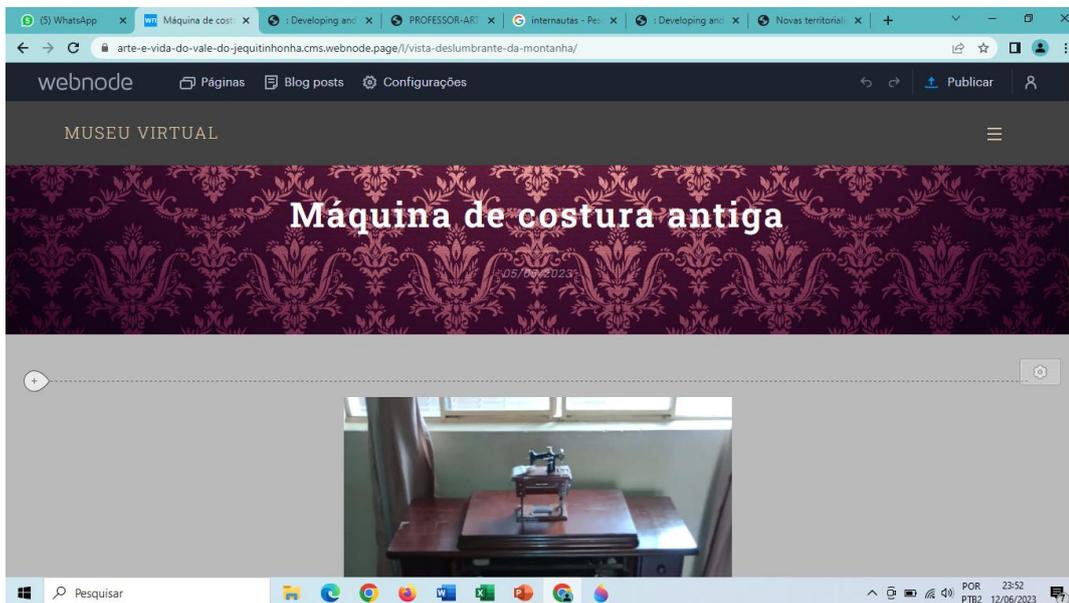
Fonte: <https://arte-e-vida-do-vale-do-jequitinhonha.webnode.page/>

Figura 18 - Imagem parcial da página que contém os posts do museu virtual (continuidade da imagem anterior).



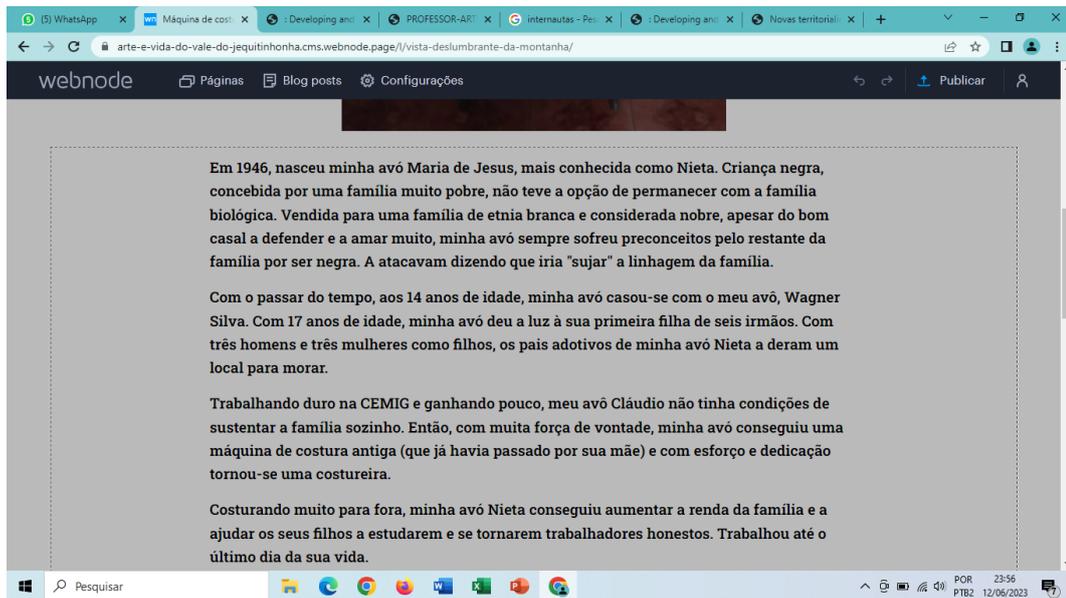
Fonte: <https://arte-e-vida-do-vale-do-jequitinhonha.webnode.page/>

Figura 19 - Página parcial do post Máquina de costura



Fonte: <https://arte-e-vida-do-vale-do-jequitinhonha.webnode.page//vista-deslumbrante-da-montanha/>

Figura 20 - Página do texto contendo a história da máquina de costura (mesma página da imagem anterior)



Fonte: <https://arte-e-vida-do-vale-do-jequitinhonha.webnode.page/l/vista-deslumbrante-da-montanha/>

Finalizado o processo de criação, novamente nos reunimos no laboratório de informática para, desta vez, fazermos uma visita ao museu virtual elaborado e criado pela turma. Felizes com o resultado, os estudantes faziam os percursos virtuais para se chegar ao acervo e ver o produto final do trabalho desenvolvido por eles. Para muitos, este havia sido o primeiro contato com o museu criado, pois nem todos os estudantes da turma ficaram encarregados da inserção do material recolhido, tornando esse contato ainda mais interessante. Extasiados com a experiência, ainda durante essa primeira visita alí reunidos, fizemos novamente uma avaliação do projeto desenvolvido, e foram muitos os relatos de satisfação com o que haviam aprendido. Os comentários denotavam orgulho com a criação do museu e pela contribuição individual de cada um para a formação do conjunto da obra.

Ah, Eu gostei muito! É muito bom ver que a gente pode fazer alguma coisa para outra pessoa ver depois!

Sim! Eu também acho que a gente precisa divulgar o link para as outras pessoas...

para a família da gente, por exemplo!

Eu achei bem legal! Aprendi muita coisa com a criação desse museu.

Foi uma experiência muito boa! Eu não sabia antes que a gente podia ter algo em casa que fosse fazer parte de um museu.

A experiência da criação do museu foi gestada, como explicitado no capítulo anterior, com o intuito de culminar a aprendizagem dos estudantes sobre a arte do Vale do Jequitinhonha desenvolvida no decorrer deste projeto. Com a atuação protagonista dos estudantes na criação do museu virtual, pode-se perceber de maneira prática e concreta, *o quê* aprenderam e *se* aprenderam no transcorrer do estudo da temática, se no percurso da sua criação aconteceu a passagem da *síncrise* para a *síntese*. Nesta quinta etapa da metodologia, que sugere a análise do estudo desenvolvido para ampliar a visão sobre a realidade apresentada *a priori*, é pertinente destacar que os estudantes apresentaram uma compreensão maior em relação à arte do Vale do Jequitinhonha, compreendendo-a em sua *totalidade*, ou seja, em seus vários aspectos, como sugere a PHC. A saber, dentre outros aspectos que poderiam ser mencionados a título de exemplificar a totalidade dessa compreensão: **cultural** - quando conhecem as características dessa arte reconhecendo as razões pelas quais se apresenta em determinados modelos estéticos, materiais usados na sua confecção e outros -, **histórica** - por agora saberem que a arte do Vale está diretamente relacionada à história e vivência do seu povo, e que é, normalmente, um ofício transmitido de geração em geração no seio familiar -, **geográfica** - ao saber que as manifestações artísticas do Vale do Jequitinhonha são diversas e variam conforme a região -; **política** - quando conhecem a história de artistas e suas dificuldades para sobreviver da arte em função da falta de apoio e reconhecimento desse trabalho - e outras instâncias da sociedade poderiam, ainda, ser debatidas neste estudo. Conclui-se que novos conceitos foram formulados e assimilados de maneira coerente; provocando, por consequência, uma aproximação dos estudantes com a arte produzida no Vale do Jequitinhonha.

Entende-se, pois, a concreticidade do conhecimento modificado (saída da prática social inicial para a prática social final) quando os depoimentos dos estudantes se fizeram em favor do trabalho desenvolvido, referenciando-se ao mesmo de forma positiva, como nos comentários supracitados. Ademais, este trabalho final denota a modificação da aprendizagem quando os estudantes trazem elementos singulares e culturais das suas próprias vivências como acervo do museu, demonstrando sua relevância no meio familiar e comunitário, pois trazem também histórias e aspectos culturais em sua essência.

Tais aspectos percebidos nesta fase final do projeto atestam também uma maior aproximação e entendimento da arte produzida em seu meio, o Vale do Jequitinhonha. Dessa forma, a criação do museu virtual também visa à disseminação da arte do Vale, uma vez que promove o acesso por meio da internet, possibilitando uma visita *online*, ou seja, sem sair de casa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentar a arte do Vale do Jequitinhonha como importante conteúdo para o ensino/aprendizagem em arte na escola é pertinente e desafiador. Entendendo que para aqueles(as) que residem na região é necessário a compreensão de suas premissas e historicidades, relacionando-as às manifestações culturais e artísticas que permeiam seu cotidiano; por incrível que possa parecer, não é difícil perceber que os estudantes do Vale do Jequitinhonha não estão familiarizados com a arte produzida em seu entorno. As atividades realizadas no percurso deste projeto comprovaram que, embora a arte do Vale do Jequitinhonha esteja diretamente relacionada às vivências do seu povo, também é nítida a falta da percepção de suas manifestações no cotidiano dos estudantes.

Na realização das atividades propostas no projeto, também evidenciou-se que os estudantes são capazes de fazer analogias da arte produzida na região com aspectos e objetos da sua vida cotidiana. Ao trazerem objetos, histórias e imagens para compor o acervo do museu virtual, eles demonstraram um entendimento e identificação da arte da região, compreendendo-a como representativa do seu meio. Para tanto, também revela que a não consciência dessas manifestações se dá justamente pela falta de incentivo para a temática abordada, pois tal compreensão somente se caracterizou a partir do desenvolvimento das atividades propostas.

É necessário aguçar o olhar dos estudantes para a arte no seu entorno, buscando compreender não apenas aquela disseminada pelas mídias e indústria cultural da atualidade, cujos estudantes mantêm uma maior proximidade; mas também as outras várias formas de manifestação artística presentes no lugar aonde vivem. Deste modo, é conveniente destacar a importância de uma maior representatividade da arte do Vale na escola, através, principalmente, do componente Arte desde às séries iniciais do ensino. É importante que os estudantes, desde cedo, se reconheçam como participantes ativos do Vale do Jequitinhonha, conhecendo aspectos que possam estar relacionados às suas próprias realidades, para depois, conhecer as manifestações artísticas em outras instâncias, assim como sugere a pedagogia histórico-crítica.

Neste sentido, entende-se como primordial que temáticas relacionadas à arte e cultura do Vale do Jequitinhonha sejam presença constante no currículo escolar da região como um dos conteúdos a ser desenvolvido no ensino/aprendizagem de arte. Pois, ao revisar algumas das trajetórias do ensino de arte no Brasil, nota-se que o currículo, bem como as metodologias utilizadas, é diverso e inconsistente, porém, independentemente da metodologia escolhida pelo

professor, faz-se valoroso que a aprendizagem aconteça a partir da compreensão de aspectos relacionados primeiramente à história e cultura dos estudantes para uma aprendizagem consistente.

CRIANDO UM MUSEU VIRTUAL NA ESCOLA

Proposta pedagógica

Norali Barbosa Esteves de Oliveira

Público-alvo: estudantes do 9º ano do ensino fundamental

Possibilidades de uso: Escola de ensino formal e não formal.

INTRODUÇÃO

Com o intuito de aproximar os estudantes do 9º ano do ensino fundamental da arte do lugar onde vivem, a presente proposta pedagógica traz atividades que propõem experiências com a arte, artistas e museu, na busca pela construção de sentidos por meio do ensino/aprendizagem em Arte.

Inicialmente, questionamentos a respeito “*do que é arte*”, “*para que serve a arte*” e “*onde tem arte*” permitem conhecer um pouco do que os estudantes sabem sobre a arte e sobre a arte do lugar onde vivem. Dessa forma, a experimentação e a reflexão são entendidos como primordiais para a construção de conhecimentos relacionados à arte produzida em seu meio de convivência.

OBJETIVO GERAL:

Promover, através do ensino/aprendizagem em Arte, a aproximação dos estudantes do 9º ano do ensino fundamental da arte produzida no lugar onde vivem, reconhecendo-a como elemento importante na construção das suas histórias e vivências.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- ✓ Aproximar e provocar o olhar dos estudantes para a arte local, levando-os a vivenciar processos de construções para a conservação dessa arte como patrimônio;
- ✓ Proporcionar situações de ensino aprendizagem em arte a partir de visitas a espaços culturais, conversa com artistas e criação de museu virtual;
- ✓ Conhecer artistas e produções artísticas provenientes do lugar onde vivem, valorizando-os enquanto patrimônio local;

- ✓ Organizar e montar um acervo virtual com os estudantes, com aquilo que eles entendem ter relação com a arte e vivências no lugar onde vivem.

FUNDAMENTAÇÃO E METODOLOGIA

Buscando compreender os conceitos que os estudantes têm de arte e da importância que esta exerce em suas vidas e na sociedade a partir das experiências sugeridas, a proposta pedagógica tem como função consolidar os conhecimentos construídos, proporcionando também, uma reflexão sobre a relação existente entre a arte do lugar onde vivem com suas histórias de vida.

Partindo do entendimento de que as nossas histórias de vida acontecem em um diálogo com as manifestações artísticas provenientes do lugar onde moramos e vivemos, é percebido que tais manifestações nem sempre são incorporadas no contexto da escola como possibilidade de ensino aprendizagem em arte. Richter (2008) diz que as primeiras experiências estéticas acontecem no cotidiano da família e a criança chega à escola já trazendo os conhecimentos adquiridos a partir dessa experiência (RICHTER, 2008, p. 108). Além de dar visibilidade à arte produzida no meio, entende-se ser importante uma aproximação desses conhecimentos e saberes iniciais dos estudantes com a arte do lugar onde vivem, desenvolvendo assim, uma consciência de pertencimento e preservação das suas manifestações artísticas e históricas. Logo, a proposta pedagógica está ancorada pela metodologia da PHC, devendo ser desenvolvida a partir das etapas sugeridas:

1ª Etapa: Olhar para a prática social (perceber/ver como se dão as relações à sua volta e suas consequências);

2ª Etapa: Problematizar a situação (entender a situação para procurar mudá-la);

3ª Etapa: Instrumentalizar os educandos para que tenham ferramentas para promover efetivas mudanças na realidade;

4ª Etapa: Catarse (momento em que o estudante tem sua visão de mundo modificada. Prática social *para si*);

5ª Etapa: Prática social final (análise da situação após o estudo para ampliar a visão sobre a realidade passando da síncri¹⁶ para a síntese).

¹⁶ Na Pedagogia Histórico-Crítica, entende-se que a síncri¹⁶ é a oposição, antítese daquilo que precisa ser conhecido, esclarecido (síntese).

DESENVOLVIMENTO / CRONOGRAMA

A proposta pedagógica é desenvolvida em vários momentos: quando partimos das narrativas dos estudantes sobre o que acham que é arte, se onde moram tem arte, e qual importância tem essa arte como instrumento essencial para a realização do estudo, na expectativa de criar uma visibilidade da relação entre as histórias de vida dos estudantes com o lugar onde vivem.

1º Momento: (1h/aula)

Na primeira abordagem da proposta com os estudantes, deve-se saber quais conceitos possuem de arte e que relevância acreditam ter nas suas vidas e na sociedade, buscando-se fazer um paralelo com a arte do lugar onde vivem. A partir de uma roda de conversa, algumas perguntas serão feitas *a priori*, para que, de forma espontânea, comecem a se manifestar: “*o que é arte para você?*” “*Você gosta de arte?*” “*Por quê?*”

Na sequência, uma discussão em torno da arte da cidade poderá ser realizada, ampliando a conversa para a arte produzida na região e seus artistas originários, que são de conhecimento prévio dos estudantes ou de quem já ouviram falar. Desse modo, poderá ser detectado quais os(as) artistas locais permeiam o imaginário deles e que noção eles têm da arte do lugar onde vivem. Tudo deverá ser observado e registrado, levando-se também em consideração as reações dos estudantes ao fazerem referência à arte e artistas do lugar.

2º Momento: (1h/aula ou o tempo necessário para as explicações com o(a) artista)

De fundamental importância para a visibilidade do tema, uma conversa dos estudantes com algum(a) artista local poderá ser realizada para uma maior compreensão sobre a arte e cultura local, pertencimento, patrimônio e outros temas correlatos abordados durante a conversa realizada no momento anterior. Esta roda de conversa com artista(s) é essencial para que os estudantes conheçam as reais experiências e vivências de alguém que convive de perto com a produção artística do lugar. Esta ação poderá acontecer na sala de aula ou em um ambiente dentro ou fora do espaço escolar, pois é importante pensar num ambiente em que todos fiquem à vontade para ouvir e falar. Deve-se pensar também com antecedência, no tempo de duração e da dinâmica utilizada na conversa, pois é interessante que este momento não seja cansativo e enfadonho.

Desta forma, o contato com um(a) representante daquilo que está sendo abordado nas aulas, visa fomentar reflexões sobre o conhecimento que possuem a respeito do lugar onde vivem,

pensar se identificam ou não com este lugar, procurando assim, conservar suas tradições artísticas, históricas e patrimoniais.

3º Momento:(2h/aulas)

Ainda visando ampliar os conhecimentos sobre a arte local e sua conservação, também é interessante pensar numa visita ao museu da cidade¹⁷. Todavia, faz-se pertinente que a visita aconteça só depois de realizada uma conversa com os estudantes em torno de questões como “*o que é um museu*”, e “*para que serve um museu*”. Neste contexto, é importante que os estudantes visualizem o acervo que conta a história, tradição e cultura do seu povo, percebendo a relação com suas histórias de vida.

Assim, em contato com obras que contam a história do passado, reunidas no mesmo espaço que aquelas produzidas pelos artistas da atualidade, busca-se aproximar e provocar o olhar dos estudantes para a arte e história local, levando-os a perceber a importância destas para a sua conservação enquanto patrimônio; além de fazê-los notar a relação com sua identidade pessoal e social.

4º Momento:(12h/aulas ou, preferencialmente, que seja realizado em momentos extraclasse)

Após a realização das atividades anteriormente propostas, e da suposta compreensão de que os estudantes são capazes de relacionar as artes, objetos e histórias do lugar onde vivem com suas próprias histórias de vida, sugere-se, nessa etapa da proposta, a criação de um museu virtual como prática para a consolidação das experiências vividas com a arte local.

Desta forma, é pertinente que antes de iniciada a criação do museu, os estudantes tenham a oportunidade de conhecerem, juntos, um museu virtual. Se possível, levá-los ao laboratório de informática da escola para uma visita online a museus e galerias virtuais (como a galeria Gomide & Co, por exemplo, através do site <http://gomide.co/>) é uma boa ideia. Assim, além de conhecerem o design visual, forma de acesso e o funcionamento de um museu virtual, os estudantes saberão a forma como são dispostos o acervo e biografia de artistas para ajudar na criação do museu proposto.

O museu virtual criado pelos estudantes poderá conter, além dos relatos das histórias de vida

¹⁷ Caso não seja possível a realização de uma visita ao museu, sugere-se a visita em outro espaço de conhecimento, como a feira municipal, associação dos artesãos, ensaio de um coral, uma exposição realizada na cidade ou uma visita virtual, por exemplo.

de pessoas que consideram importantes por alguma razão, também fotografias de objetos simbólicos, de obras de arte, e retratos que vão compor o seu acervo, buscando contemplar o tema abordado. Portanto, além de evidenciarem a relação das histórias de vida com a arte local através de recursos tecnológicos, poderão, talvez, através desta produção, envolver-se com questões políticas, sociais, econômicas e outras através de discussões em torno do material recolhido por eles; desenvolvendo, por conseguinte, a autonomia, a crítica e autoria do trabalho coletivo.

Na impossibilidade da criação de um museu virtual, sugere-se a experimentação dessa prática através da criação de um museu físico na escola ou em um espaço cujo acervo possa ser compartilhado/visitado.

5º Momento: (1h/aula)

Contemplados todos os momentos da proposta, entende-se como pertinente a realização de uma nova roda de conversa para uma avaliação das contribuições das atividades desenvolvidas. Tendo o primeiro momento como ponto de partida, sugere-se que a conversa gire em torno dos conceitos abordados nas experiências vivenciadas, procurando saber se mudanças aconteceram e se os objetivos almejados foram alcançados.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Gustavo Cunha de. **Arte, escola e museu: análise de uma experiência em arte/educação no Museu Universitário de Arte - MUnA**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 44, e174612, 2018.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação, nº19, 2002.
- COCCIA, Emanuel. **A vida das plantas**. Cultura e barbarie, São Paulo, 2010.
- COCHIERI, Tiziana. **Epistemologia da arte: o fruidor e o objeto de arte**. Políndromo, v8, nº 15, p. 4-19, jan/jun 2016.
- DAYRELL, J. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n.24, p. 40-52, set./dez. 2003.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- ESPINDOLA, Haruf Salmen. **Território e Geopolítica nas Minas Gerais do século XIX**. Cad. Esc. Legisl., Belo Horizonte, v. 11, n. 16, p. 71-88, jan./jun. 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. Coletivo Sabotagem. EGA. 1996.
- FURLANETTO, Beatriz Helena. A arte como forma simbólica. R. Científica / FAP, Curitiba, v. 9, p. 36-50, jan./jun. 2012.
- GASPARIN, J. L. **Uma didática para a Pedagogia Histórico-crítica**. 4.ed. rev. e ampl. Campinas – SP: Autores Associados, 2007. (Coleção educação contemporânea).
- GASPARIN, João Luiz; PETENUCCI, Maria Cristina. **Pedagogia Histórico-crítica: da teoria à prática no contexto escolar**. [S.L.: s.n.].
- INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS, *Dossiê para registro do Artesanato em Barro do Vale do Jequitinhonha: saberes, ofício e expressões artísticas em Minas Gerais*, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/component/phocadownload/category/31-artesanato-em-barro-do-vale-do-jequitinhonha> Acesso em: 15 ago. 2022.
- LARROSA-BONDÍA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação, nº 19, p.20-28, 2002.
- LEITÃO, Juliana Oliveira. **A especificidade do ensino de arte na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica**. 2019. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campos Araraquara). Araraquara. São Paulo. 2019.

LOYOLA, Geraldo Freire. **PROFESSOR-ARTISTA-PROFESSOR** [manuscrito]: Materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte/Geraldo Loyola – 2016. 116 f.: + 1DVD. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.

MAGLISIA, Ana Carolina Galvão (Org.). **Pedagogia Histórico-Crítica: 30 anos**, Campinas/SP: Autores Associados, 2011.

MARANDINO, Martha. **Análise sociológica da didática museal: os sujeitos pedagógicos e a dinâmica de constituição do discurso expositivo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 695-712, 2015.

MOMBERGER, Christine, Delory, **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

NASCIMENTO, Elaine Cordeiro do. **Vale do Jequitinhonha: Entre a carência social e a riqueza cultural**. Revista de Artes e Humanidades, N.4, mai/out 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Norali/Desktop/MESTRADO/REFER%C3%80NCIAS%20BIBLIOGR%C3%81FICAS%20PARA%20TESE/PDF%20-%20Vale%20do%20Jequitinhonha.pdf>. Acesso em 15 ago. 2022.

OLIVEIRA, Pedro Augusto Dutra de. Cantos, danças, rodas e resistência na comunidade Trovadores do Vale/Pedro Augusto Dutra de Oliveira. – 2019. 317 f. : 30 cm., Tese (doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos, 2019.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; KOLB-BERNARDES, Rosvita. **Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas**. Pro-Posições | v. 26, n. 1 (76) | p. 161-178 | jan./abr. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-7307201507611> Acesso em: 06 nov. 2022.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. **Novas territorialidades e identidades culturais: o ensino de arte e as tecnologias contemporâneas**. In: GERALDO, Sheila Cabo; COSTA, Luiz Cláudio da (org.). *Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*. Rio de Janeiro: ANPAP, 2011.

PORTO, Liliana de Mendonça. **A ameaça do outro: magia e religiosidade no Vale do Jequitinhonha**. São Paulo: Attar editorial, 2007.

RAMALHO, Juliana Pereira. **Modelando a vida e entalhando a arte: o artesanato do Vale do Jequitinhonha**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa, 2010.

RICHTER, Ivone. **Arte e interculturalidade: possibilidades na educação contemporânea**. In: BARBOSA, A. M. (org.) *Interterritorialidade – mídias, contextos e educação*. São Paulo, SP: Editora Senac São Paulo; Edições SESC SP, 2008.

SANTOS, Deribaldo. **Arte-educação, estética e formação humana**. 1ª ed. Maceió, Coletivo Veredas, 147 p. 2020.

SAVIANI, Dermeval. **Teorias Pedagógicas Contra-Hegemônicas no Brasil**. UNIOESTE, Campus, Foz do Iguaçu, v. 10 – nº 2 – p.II – 28. 2º sem. 2008.

SCHMIDT, Paulo (Org.). **Arte no Vale do Jequitinhonha**. Belo Horizonte: EdUEMG, 2016.

48 p.: il . -- (Coleção Priscila Freire).

SILVA, Everson Melquiades Araújo; ARAÚJO, Clarissa Martins de. **Tendências e concepções do ensino de arte na educação brasileira:** um estudo a partir da trajetória histórica e sócio-epistemológica da Arte/Educação. [S.L.]. GE: Educação e Arte / n.01, CNPq, [ca. 2012]. Disponível em: http://30reuniao.anped.org.br/grupo_estudos/GE01-3073--Int.pdf
Acesso em: 15 jun. 2022.

STEIMBACH, Allan Andrei. **O processo de ensino numa perspectiva Histórico-Crítica.** [S.L.: s.n.].

VOLPE, Patrícia. **Parâmetro Curricular nacional do Ensino de Artes:** um diálogo com os docentes/ Patrícia Volpe; [ilustrações de] – Carybé; – UNESP – SP – 2006.